

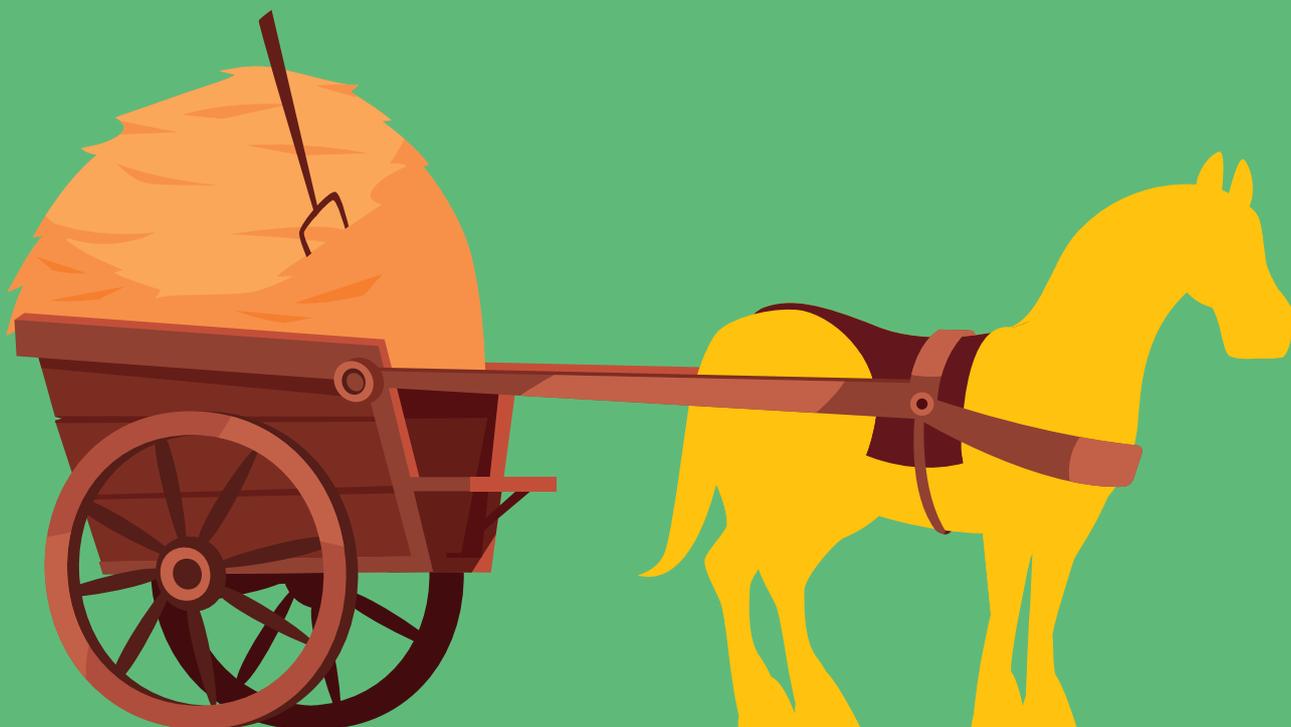
# semmais

REVISTA MENSAL DE INFORMAÇÃO GENERALISTA DIRIGIDA A **TODO O ALENTEJO**

tema de capa

## Já não puxam carroça

Mulas em vias de extinção  
pág.8



semmais.pt

+ Entrevista exclusiva  
ao edil de Évora,  
Carlos Pinto de Sá  
pág.34

+ A medicina popular  
ainda vai a casa dos  
alentejanos  
pág.16

+ Vem aí o maior  
festival de música  
do interior, no Crato  
pág.60

# CASA ERMELINDA FREITAS

VINHOS ENVOLVENTES  
COM SABOR A VERÃO

A Casa Ermelinda Freitas tem as sugestões ideais para si. Não é preciso ser perito em vinhos, para os saber apreciar. No verão, estação que envolve pelas cores, cheiros e brisas, os apaixonados por vinho têm a oportunidade de tornar os dias ainda mais especiais. A Casa Ermelinda Freitas tem as opções ideais para desfrutar da melhor forma dos almoços e dos finais de tarde quentes, apresentando, seis vinhos perfeitos para acompanhar com um pôr do sol majestoso que só o verão é capaz de proporcionar.



## Sabia que?

Estes vinhos vão estar nos festivais de verão onde a Casa Ermelinda Freitas vai marcar presença:  
**Jardins do Marquês - Nova Era Beach Party - Cool Jazz - Super Bock Super Rock - MEO Sudoeste - Santa Casa Alfama**

**Sendo a grande novidade este ano o Dona Ermelinda Branco Reserva.**



### TERRAS DO PÓ BRANCO

Vinho de cor amarelo esverdeado, frutado, a lembrar citrinos e frutos tropicais. Boa acidez que lhe dá frescura. Final de boca a lembrar o fruto, fresco e agradável.

**PVP: €3,49**



### DONA ERMELINDA BRANCO

Vinho com cor palha esverdeado, aroma frutado intenso com notas a frutos tropicais e mel. Na boca apresenta-se cheio com grande equilíbrio entre os componentes acidez/açúcares/álcool/madeira. Final longo, persistente e agradável.

**PVP: €4,49**



### DONA ERMELINDA TINTO

Vinho de cor vermelho escuro, granada, aroma bem conjugado com a madeira, confitado, rico em frutos vermelhos muito maduros, bem conjugado com a madeira, cheio, complexo, com taninos muito redondos, final de boca prolongado e agradável.

**PVP: €4,49**



### CASA ERMELINDA FREITAS MOSCATEL DE SETÚBAL

Vinho de cor dourada, rico e complexo, com aromas a lembrar mel e casca de laranja cristalizada. Na boca, é cheio e doce, revelando boa acidez que lhe confere frescura

**PVP: €7,99**



### TERRAS DO PÓ ROSÉ

Vinho com cor "Pink" rosa vivo com aroma frutado intenso, na boca apresenta-se refrescante com grande equilíbrio entre a acidez e os açúcares.

**PVP: €3,49**



### DONA ERMELINDA BRANCO RESERVA

Vinho de cor amarelo-esverdeado e aroma fresco e intenso com notas de frutos doces e algum citrino, bem integradas com as da madeira onde estagiou, este branco é cheio e cremoso na boca, onde tem fina elegante e persistente.

**PVP: €9,99.**



### CAMPO DA VINHA LIGEIRO (VINHO VERDE)

Vinho com cor citrina, cristalino, um aroma frutado, na boca é elegante com doçura fresca e equilibrada.

**PVP: €2,49**



### CASA ERMELINDA FREITAS ESPUMANTE BRUTO BRANCO

O SEU AROMA FRUTADO, A LEMBRAR CITRINOS E FRUTOS TROPICAIS, E A SUA ACIDEZ BALANCEADA E FINA EQUILIBRAM NA PERFEIÇÃO A GORDURA E OS SABORES DO LEITÃO.

**PVP: €7,99**



**TEMA DE CAPA**

Os **muares, burros e mulas** que outrora eram decisivos para a faina agrícola, estão hoje quase extintos. Um veterinário quer construir-lhes um abrigo. **pág.8**

**ENTREVISTA**

**Carlos Pinto de Sá**, presidente da câmara de Évora, explica como está a ser preparado o processo da Capital Europeu da Cultura, que acredita deixará marca histórica. **pág.34**

**NEGÓCIOS**

Sines continua a atrair investimento estrangeiro. O mais recente é capital chinês e vai produzir **baterias de lítio**, à custa de 25 milhões de euros. **pág.40**

**LOCAL**

O **turismo religioso** de Elvas, associado ao judaísmo, continua a somar pontos na cidade raiana, que ainda guarda memórias de duas judiarias. **pág.52**

**DESPORTO**

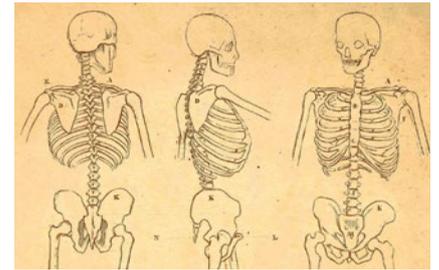
Durante dois dias, Évora foi a **capital ibérica de badminton**, numa prova não oficial que juntou 274 atletas. O evento promove o desporto, cultura e turismo. **pág.56**

**CULTURA E LAZER**

O concelho de **Crato** promove entre 21 e 27 de agosto aquele que é considerado o maior festival de música do interior. São esperados milhares de entusiastas. **pág.60**

**ATUAL**

A **medicina popular** está ainda enraizada em muitas famílias alentejanas que procuram cura para as suas maleitas. É uma alternativa popular aos serviços públicos de Saúde. **pág.16**



As **riquezas do património** arqueológico do Alentejo estão a ser destapadas com recursos mais sofisticados, e quase todos os meses surgem mais achados. **pág.28**



**Ficha Técnica:** Diretor **Raul Tavares** / Editora-chefe **Filomena Ricardo** / Redação **Anabela Ventura, Ana Luísa Delgado, David Marcos, José Bento Amaro, Luís Godinho, Margarida Maneta, Maria Santos** / Colaboradores **Hugo Alcântara, Paulo Nobre** / Departamento Comercial **Cristina Almeida** (coordenação) / Direção de Arte e Paginação **Pedro Frade** / Serviços Administrativos e Financeiros **Fábio Tavares, Mila Oliveira** / Distribuição **José Ricardo e Carlos Lóio** / Propriedade e Editor **Maiscom, Lda**; NIPC 513 409 246 / Concessão Produto **Maiscom, Lda** NIPC 513 409 246 / Redação: Largo José Joaquim Cabecinha nº 8-D, (traseiras da Av. Bento Jesus Caraça) 2910-564 Setúbal / Emails: editora.semaisalentejo@gmail.com; publicidade.semais@mediasado.pt / telefone: 935 388 102 / Impressão: Sogapal / Tiragem: 17 000 / Distribuição: VASP e Maiscom, Lda. / Reg. ICS: 123090 / Depósito Legal: 123227/98 / **semais.pt** /  /semaiseditaoalentejo

# Paisagens





# Entre margens

## ALBUFEIRA DO CAIA

Enquadrada entre as vilas de Arronches, Campo Maior e a cidade de Elvas, a Albufeira do Caia representa uma das massas de água mais importantes do Norte Alentejo. Após um inverno chuvoso, as margens da albufeira atingiram níveis máximos, o que são boas notícias para quem depende economicamente de atividades que utilizam as águas da barragem. Para quem simplesmente, como eu, gosta de apreciar a paisagem natural, tornou-se ainda mais bela a perspetiva aérea deste fabuloso lago artificial.

RICARDO LOURENÇO  
FOTÓGRAFO

 [www.ricardolourencophotography.com](http://www.ricardolourencophotography.com)

 [/rlourenco82](https://www.facebook.com/rlourenco82)



## Extravazar os efeitos de Évora Capital Europeia da Cultura

RAUL TAVARES  
DIRETOR SEMMAIS

Évora e o Alentejo preparam-se para o desafio da Capital Europeia da Cultura 2027, uma jornada que pode constituir mais um trunfo para o reconhecimento da região no país e além-fronteiras.

A candidatura é singular, porque o conceito que lhe deu asas, apela, de forma genuína, à identidade e às raízes que tornam este nosso Alentejo um lugar especial. O resto virá por acréscimo, dando força à vontade de se dar a conhecer e a ser conhecido.

Nem sempre assim foi. O território, a sua diversidade, as suas características e as suas gentes sempre estiveram neste lugar onde o Vagar faz lei. Mas durante um longo período esteve cercado sobre si próprio, vergado à pobreza e à falta de expectativas, obrigando à migração de grande parte da população, à procura de um melhor viver.

Felizmente que nas últimas décadas a redescoberta desta terra quente, laboriosa e fértil, tem vindo a inverter este malfadado ciclo. E esse passado já é uma miragem.

Na verdade, embora o despovoamento e o envelhecimento da população persista, há um sentimento de resgate deste território e uma vontade de muitos e muitos em sugar as suas potencialidades.

São muitos os exemplos de que se respira um ar de futuro neste Alentejo de oportunidades, que capta cada vez mais o interesse e a curiosidade dos portugueses e de estrangeiros.

Évora é um destes destinos cosmopolitas que o Alentejo já oferece. E, apesar dos problemas e dos constrangimentos conhecidos, fervilha de vida. Sendo a capital do maior evento cultural da Europa, em 2027, estará certamente no centro das atenções.

Importa, agora, com tempo, aproveitar essa conquista e esse designio para deixar obra e um legado que perdure. E há experiências anteriores no país que são, em si mesmas, aprendizagens, mais que não seja, para o que se não deve fazer. Portanto, só há um caminho a seguir: Fazer bem!

O envolvimento na candidatura de tantas instituições, num parceria de saberes e de escala, parece ser um primeiro sinal. Resta agora aglutinar todas essas vontades e acrescentar valor às primeiras ideias e projetos.

Se deixará marca para a história, como refere o presidente da câmara eborense, Carlos Pinto de Sá, não é ainda possível antever. Mas tem tudo para dar certo se houver um rumo comum e ousadia para vencer este trunfo. Para Évora, para a região e para o país. ■

**Informação  
segura e de  
qualidade.**

**24 HORAS POR DIA**

**semmais.pt**

**f /semmaisedicaooolentejo**





**TRILHOS**

**INATEL**

**2023**

**EM 2023  
VENHA TRILHAR O PAÍS  
COM A FUNDAÇÃO INATEL**

**CERVEIRA**

8 a 10 de setembro

**ALBUFEIRA**

6 a 8 de outubro

**CASTELO DE VIDE**

10 a 12 de novembro

**VILA RUIVA/LINHARES**

8 a 10 de dezembro

**INSCRIÇÕES**



tema de capa

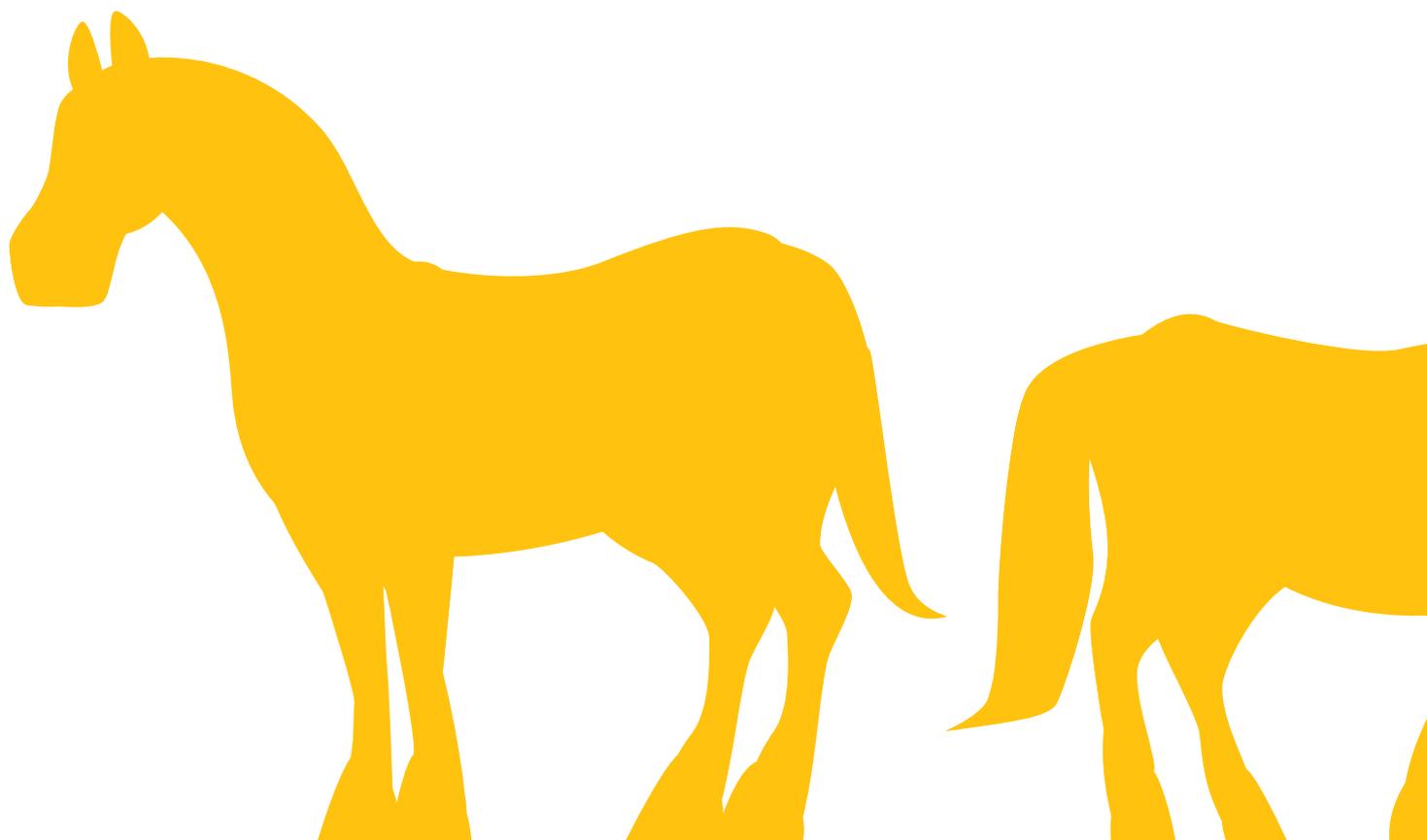
TRATORES DO ALENTEJO JÁ NÃO SÃO O QUE ERAM

# Mulas não puxam carroça...

Os muares estão quase extintos. É muito difícil encontrar quem os crie e, ainda mais quem os produza. A Semmais dá-lhe conta do que resta desta atividade, das suas particularidades e dos sonho de um veterinário que quer construir um abrigo.

TEXTO JOSÉ BENTO AMARO | FOTOGRAFIA DR

8





## *Tanto quanto temos registo não existe criação de muares no Alentejo nem no restante território*

PAULA CRUZ GARCIA  
SUBDIRETORA GERAL  
DA DIREÇÃO GERAL DE  
ALIMENTAÇÃO E VETERINÁRIA

A maquinaria agrícola no Alentejo nem sempre teve o formato que hoje conhecemos. Há cerca de 50 anos era, maioritariamente, constituída por uns ‘veículos’ que hoje alguns podem considerar estranhos. Tinham quatro patas, orelhas bicudas e ‘motores’ que zurravam. Era o tempo dos machos e das mulas. Estes animais, outrora considerados como uma das forças motrizes da agricultura, já quase não existem. Encontrar um nos caminhos rurais ou nos campos é quase como descobrir um dinossauro. Mas ainda os há.

O “Vida Alentejana, semanário agrícola, pecuário, turístico, de coações”, surgiu a 11 de setembro de 1934 e aguentou-se durante 11 números. Tinha como objetivo “defender o Alentejo dos dislates e dos detratores, propagar as suas belezas, que são inúmeras, defender os lavradores das garras dos especuladores, trazendo-os sempre ao corrente dos preços dos produtos que têm para vender” e, por fim, “dar-lhes, por intermédio de pessoas especializadas, conhecimentos úteis tanto na agricultura como na pecuária, na horti-

cultura, apicultura, floricultura, etc”. Foi numa dessas publicações que a Semmais ficou a saber, por exemplo, que em 1934, em toda a região estavam registados, 43.799 muares, o que representava um acréscimo de cerca de 300 por cento face à contabilidade efetuada em 1849. Era, portanto, o tempo em que machos e mulas estavam em alta.

Um dos 11 números daquela publicação acaba por ser um importante contributo histórico, uma vez que não só indica o número de espécimes existentes, dando assim uma imagem da progressiva importância destes animais (“uma das indústrias florescentes no Alentejo é a criação mular”), como indica, em cada um dos distritos, quais os principais criadores e ainda serve para explicar quais os melhores exemplares e como se obtêm, através de cruzamentos com cavalos e burros, os machos e mulas.

A mesma publicação faz, por fim, uma revelação curiosa: “O negócio das mulas dá vida às feiras pela intervenção dos ciganos, que são divertidíssimos de observar nos seus pitorescos modos de negociar”.

## Será este um negócio apenas de ciganos?

Há quem diga que o negócio das mulas e machos está hoje praticamente restringido aos ciganos. A nossa revista contactou diversas coudelarias em todo o Alentejo e, invariavelmente, todas aventaram a hipótese de, a haver criação nacional, esta está restringida àquela etnia.

Filipe Guerreiro Santos, da Coudelaria de Monte da Trigueira, em Trigaches, Beja, diz que ainda se recorda quando, há décadas, ia com o pai à Andaluzia (Espanha) para comprar uma mula ou um macho: “Hoje, sinceramente, não sei quem no Alentejo ou fora dele, possa dedicar-se à sua produção. Talvez os ciganos, mas mesmo esses, pelo que vamos vendo, andam mais de Mercedes...”

“A Coudelaria de Alter não produz mulas e machos desde aproximadamente 1950. Foram muito úteis enquanto foi necessária tração animal. Com a progressiva evolução da maquinaria a motor, o gado muar acabou por deixar de ter função prática e, conseqüentemente, de ser produzido”, responderam os responsáveis da Coudelaria de Alter do Chão ao pedido da Semmais.

“Tanto quanto temos registo não existe criação de muares no Alentejo nem no restante território. Sabemos da existência de um centro

de criação de muares em Espanha, nos arredores de Sevilha”, responde, por sua vez, a subdiretora geral da Direção Geral de Alimentação e Veterinária, Paula Cruz Garcia.

Também na estação Zootécnica, em Santarém, foi dito não haver conhecimento de ali se produzirem, há “muitos anos”, os animais em causa. “Talvez numa ou outra herdade? Talvez os ciganos”, sugeriram.

Fica, portanto, confirmado, seja através de algumas das mais conceituadas coudelarias nacionais seja por via das entidades nacionais competentes, que o negócio dos muares em Portugal é coisa dos livros de História.

A referência que os responsáveis de Alter do Chão fazem a Espanha é confirmada por Filipe Guerreiro Santos: “Em Espanha ainda se criam estes animais, porque existe uma tradição muito forte. Os espanhóis são muito garbosos e mantêm-se fiéis às suas tradições. Pelo que sei ainda formam muitas parilhas para, por exemplo, apresentarem em exposições”.



10



*Em Espanha ainda se criam estes animais, porque existe uma tradição muito forte. Os espanhóis são muito garbosos*

FILIFE GUERREIRO SANTOS  
COUDELARIA DE MONTE  
DA TRIGUEIRA



### Um oásis encontrado em Vila Boim

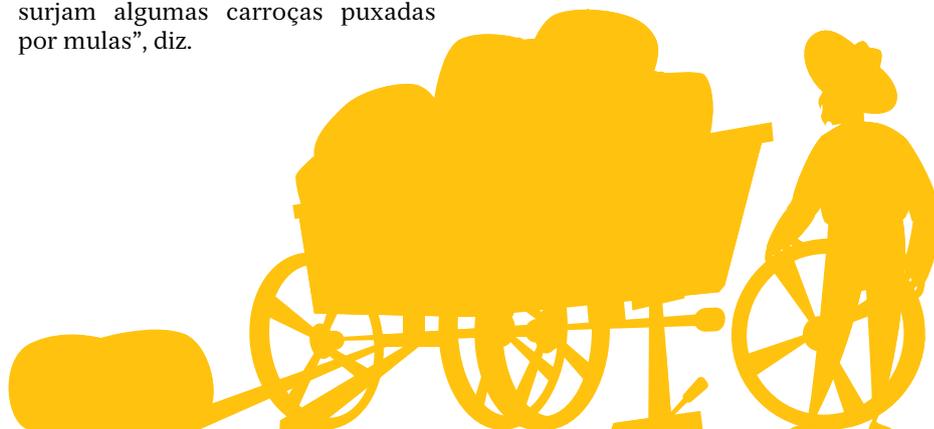
Após inúmeras tentativas, confirmando o ditado que diz que “quem procura sempre alcança”, a Semmais acabou, por fim, por encontrar vestígios de mueres no Alentejo. Em Vila Boim, no concelho de Elvas, há um jovem veterinário que tem por hábito recolher esta espécie de animais, dando-lhes não só os cuidados clínicos que necessitam, mas acalentando também o sonho de, um dia, poder construir uma espécie de santuário.

Luís Lourenço, 37 anos, tem atualmente cinco machos e mulas. “Quatro já são muito velhos. Pertenciam a pessoas que já morreram ou que, devido à idade, não puderam continuar com eles”, explica. Preservar a espécie é, diz, uma tarefa cada vez mais difícil: “Não é fácil encontrar quem os crie. No país inteiro talvez existam quatro ou cinco pessoas. Contam-se pelos dedos de uma mão. Eu tenho o sonho de criar um abrigo onde estes animais possam ter um final de vida digno e com cuidados. Muitas vezes, quando falo desta ideia, dizem que sou doido, mas a verdade é que gostava de poder concretizar este desejo”.

O veterinário de Vila Boim diz que encontrar um macho ou uma mula que trabalhem é quase impossível. “Por vezes há pessoas que adotam, até porque um animal destes sempre vai mantendo os terrenos limpos, comendo as ervas. Mas já não há nenhum a lavrar e até a puxar carroças é difícil. Em Espanha ainda os utilizam em algumas tarefas específicas. São usados em terrenos montanhosos, onde é difícil o acesso de veículos agrícolas. Há zonas onde fazem cortes de madeira e tiradas de cortiça cujos acessos só são possíveis com estes animais. Depois, os espanhóis também têm o hábito de fazer romarias com carroças. Por cá, temos o Senhor da Piedade, a 20 de setembro. São oito quilómetros entre Vila Boim e Elvas e, nessa altura, pode ser que surjam algumas carroças puxadas por mulas”, diz.

### Estéreis, mas nem tanto

É voz corrente que as mulas são estéreis, que não podem parir. Essa é, no entanto, uma teoria que não é totalmente confirmada pelos veterinários. “As mulas têm um sistema reprodutor completo”, diz Luís Lourenço, reportando depois o nascimento de uma cria parida por um desses animais: “Se não me engano, em Vila Nova de São Bento. A mula foi depois para a Universidade de Trás-os-Montes”. O “Vida Alentejana” referia, por sua vez, que desde o final do século XVII haviam sido registados em Portugal cerca de 60 partos de mulas, o que confirma as opiniões médicas: “Por vezes as mulas podem estar prenhas sem se saber. É que são mais barrigudas do que as éguas e não se dá por isso. Terá sido o que aconteceu com o caso de Vila Nova de São Bento”. Para obtenção de machos ou mulas, os criadores cruzam éguas com burras e burras com cavalos. “Costumamos dizer que existem bureiros e eguariços, mas é um facto que as crias nascidas de mãe égua têm melhor temperamento e são mais altas. Têm melhores condições para o trabalho. Já os que são paridos por burras são mais ariscos e pequenos”, explica.





## Já não há nenhum a lavrar e até a puxar carroças é difícil

LUÍS LOURENÇO  
VETERINÁRIO



### Vendidos para alimentar bichos do circo

Atualmente um macho ou uma mula podem ser comercializados caso se encontrem em boas condições físicas e não sejam muito velhos, por preços a rondar os 1.000 euros. No entanto, estes negócios são muito difíceis de concretizar, porque já não há muito quem tenha carroças ou arados.

“Ainda me lembro, já lá vão uns anos, que os circos compravam os machos e mulas mais velhos. Serviam para alimentar os bichos, os leões e os tigres. Era assim que os proprietários dos muares se desfaziam deles quando começavam a apresentar problemas respiratórios e digestivos e já não davam rendimento no trabalho, apesar de serem neste aspeto bem melhores do que os cavalos”, afirma Luís Lourenço.

“Eu tive uma mula com ferro de Alter do Chão e de Xavier de Lima que comprei aos ciganos. Era um animal muito fino, elegante de pescoço e muito bem ligado. Quando morreu cometi uma loucura. Mande-i embalsamá-la e oferecia-a com uma carroça à junta de freguesia da

terra. Ainda hoje lá está em exposição”, conta.

O veterinário conta que já teve uma mula que morreu com 42 anos, idade invulgar para a espécie: “Também sei de uma mula que ainda está viva e que tem na tábua do pescoço, no lado esquerdo, marcado a fogo, um ‘V’, que era o sinal que se utilizava, em 1989/90 para confirmar que o animal fora vacinado contra a peste equina”.

Hoje, comparar um muar numa feira é tarefa quase impossível. As transações de gado nas feiras, outrora tão comuns, desapareceram na década de 1980. Com o desaparecimento deste tipo de atividades, vão igualmente desaparecendo os ofícios relacionados, nomeadamente os correiros. “É muito difícil conseguir encontrar quem faça cabrestos para mulas e machos, quem faça burnis (ou melins, que são a peça de couro a revestir palha que se coloca no pescoço do animal e que suporta depois o peso da canga de ferro, essencial para a atrelagem a uma carroça), refere o nosso interlocutor. ■





# Sines Não Pode Ser um Eucalipto

CARLOS ZORRINHO  
EURODEPUTADO PS

*“(...) Sines pode e deve gerar sinergias com toda a região, com o seu tecido empresarial, com os seus centros de conhecimento, com as suas rotas patrimoniais e com as ofertas económicas e sociais nos mais diversos sectores.”*

Desde há muito tempo que valorizo Sines como um exemplo extraordinário de um território onde confluem as valências estratégicas fundamentais para o desenvolvimento económico sustentável do século XXI. Como grande centro de atratividade para indústrias e serviços, atrairá também cada vez mais pessoas e terá que estar à altura de fornecer qualificações e serviços públicos e privados conformes às necessidades.

Já pouca gente duvida do potencial e sobretudo da realidade que Sines já hoje constitui como polo económico e social de nova geração. Muitos receiam, com fundamento, que Sines com toda a sua capacidade polarizadora seque de recursos e oportunidades os territórios envolventes e em particular o Alentejo, região em que se insere para efeitos de planeamento e implementação de políticas públicas. Se isso acontecer, a médio prazo será o próprio polo que se asfixiará sobre si mesmo. A di-

nâmica do eucalipto não interessa a ninguém. Nem mesmo a Sines.

Em contrapartida, com uma boa articulação em rede, Sines pode e deve gerar sinergias com toda a região, com o seu tecido empresarial, com os seus centros de conhecimento, com as suas rotas patrimoniais e com as ofertas económicas e sociais nos mais diversos sectores. Quanto mais o Alentejo se desenvolver, mais e melhor Sines se poderá afirmar na economia nacional, ibérica, europeia e global.

Um dos exemplos paradigmáticos da interação positiva que Sines pode ter com os territórios que o envolvem é a linha de caminho de ferro de alta velocidade entre Sines e Badajoz cuja construção está a seguir a bom ritmo. Há duas pedras de toque para que essa linha sirva o território e não se imite a atravessá-lo. Uma é a construção de estações e plataformas logísticas durante o seu percurso. A outra é a utilização da linha também

para transportes de passageiros.

Com a indefinição ainda latente no lado português, foi recentemente conhecido o interesse da RENFE, congénere espanhola da CP, de explorar a ligação de passageiros Badajoz - Évora com o objetivo demais tarde assegurar todo o troço Madrid- Lisboa. Acredito que um desenvolvimento harmonioso e sustentável de Sines acabará por viabilizar também transportes de passageiros como mais um valor acrescentado para o grande conglomerado portuário, energético, digital, industrial e turístico.

O caso dos comboios que não queremos ficar apenas a ver passar é apenas um entre muitos outros. Temos que levar a todo o território o potencial gerado em Sines. Se não forem as empresas portuguesas a terem a visão estratégica de o fazer que venham outras, mais que não seja, para acordar consciências e despertar a concorrência. Sines não pode ser um eucalipto. Sem Mais. ■



# Educação – o circunstancialismo, afinal, conta

SÓNIA RAMOS  
PRESIDENTE DA CPD DO PSD DE ÉVORA

*“Continua a aumentar o fosso entre os alunos que têm famílias que os apoiam (...) e os que, não tendo esse apoio por parte da família, sobrevivem no sistema.”*

O Ministro da Educação foi ao Parlamento prestar contas, a pedido do PSD, sobre as provas de aferição on line e condições para a sua elaboração.

Os resultados do PIRLS (Progress in International Reading Literacy Study-2021), evidenciam uma queda na capacidade de leitura das crianças do 4.º ano, que já se desenhava desde 2016 e confirmou-se em 2021, colocando Portugal em 22.º lugar num conjunto de 43 países. Estes resultados colocam os alunos portugueses 21 pontos abaixo de 2011 e 8 pontos abaixo de 2016;

Continua a aumentar o fosso entre os alunos que têm famílias que os apoiam, que lhes dão todas as condições para poderem desenvolver as suas capacidades de literacia e os que, não tendo esse apoio por parte da família, sobrevivem no sistema. Ou seja, continuam a ficar alunos para trás!!! Veja-se o resultado do estudo apresentado na AR sobre “as desigualdades sociais e a desigualdade escolar nos Municípios de Portugal” que vem afirmar claramente que os alunos com menos recursos têm melhores notas no norte e centro de país, nos municípios que têm maior industrialização. E é em Lisboa e no sul que esses alunos demonstram piores resultados. Continua a haver uma correlação entre o estatuto socioeconómico das famílias e o desempenho escolar dos seus fi-

lhos. E o Estado não é capaz de mitigar as assimetrias circunstanciais de cada um, no direito de acesso à Educação.

Em vez de arranjar soluções, e assumir o menos bom, o Ministro da Educação tenta encontrar uma sustentação contrária à evidência dos resultados dos estudos internacionais com anos de aplicação.

Não é paradoxal o Sr. Ministro defender ad nauseam as provas digitais, quase contra tudo e contra todos, vir agora ignorar os resultados do PIRLS digital só porque lhe convém politicamente?

O que vai ficando à vista de todos, perante vários estudos internacionais, é que a teimosia e o experimentalismo levado a cabo pela tutela com o carimbo da geringonça em 2015 é que os alunos portugueses estão a andar para trás quando comparados internacionalmente.

A ministra da educação da Suécia mostrou preocupação com os resultados referindo que “O relatório do PIRLS é um sinal de que temos uma crise de leitura nas escolas secas. No futuro, o governo quer ver mais livros didáticos e menos tempo de tablets nas escolas”.

O PSD tem criticado a opção política do governo quando em 2016, apoiado na Gerigonça, destruíram o sistema de avaliação externa que existia quando introduziram as provas de aferição no 2.º ano 5.º e 8.º anos.

E se a realização das provas de aferição é para avaliar o progresso e o desempenho dos alunos, este ano, ocorreram vários episódios que perturbaram e comprometeram a realização das provas de aferição em diversas escolas: falta de logística adequada; distribuição inadequada de materiais; atrasos incompreensíveis na disponibilização das aplicações a instalar nos dispositivos onde cada aluno iria realizar a prova em formato digital; razões que implicaram alterações no cronograma previamente estabelecido, por exemplo.

Sujeitar alunos e professores a esta trapalhada degrada a confiança no sistema de avaliação externa.

As escolas viveram dias de conflitualidade e é preocupante o mal-estar que se vive no setor da educação.

O PSD não fica indiferente à crescente degradação da condição docente, à desmotivação e à falta de reconhecimento social da profissão. E, para melhorar isto tudo, a receita do ME foi tão só o recurso abusivo à imposição dos serviços mínimos que, conforme recente acórdão do Tribunal da Relação de Lisboa, foi considerado ilegal, tem aumentado o clima de tensão entre os professores e a tutela. É pelo menos a quinta vez que o ME perde no Tribunal.

No meio da tempestade, que condições teremos para iniciar o novo ano letivo? ■



[www.vertentability.pt](http://www.vertentability.pt)



# Your Sunshine Oasis

**Especialistas em  
Investimentos Imobiliários**

Mediação Imobiliária

-  
Alentejo | Portugal



[www.vertentability.pt](http://www.vertentability.pt)

Visite-nos! Estamos em: / Visit us! We are in:

**GRÂNDOLA:**

R. Infante D. Henrique, n.º 12. 7570-270 Grândola  
+351 269 249 516 (Chamada para rede fixa nacional)

**SINES:**

R. Francisco Luis Lopes, n.º 74. 7520-212 Sines  
+351 924 297 792 (chamada para rede móvel nacional)

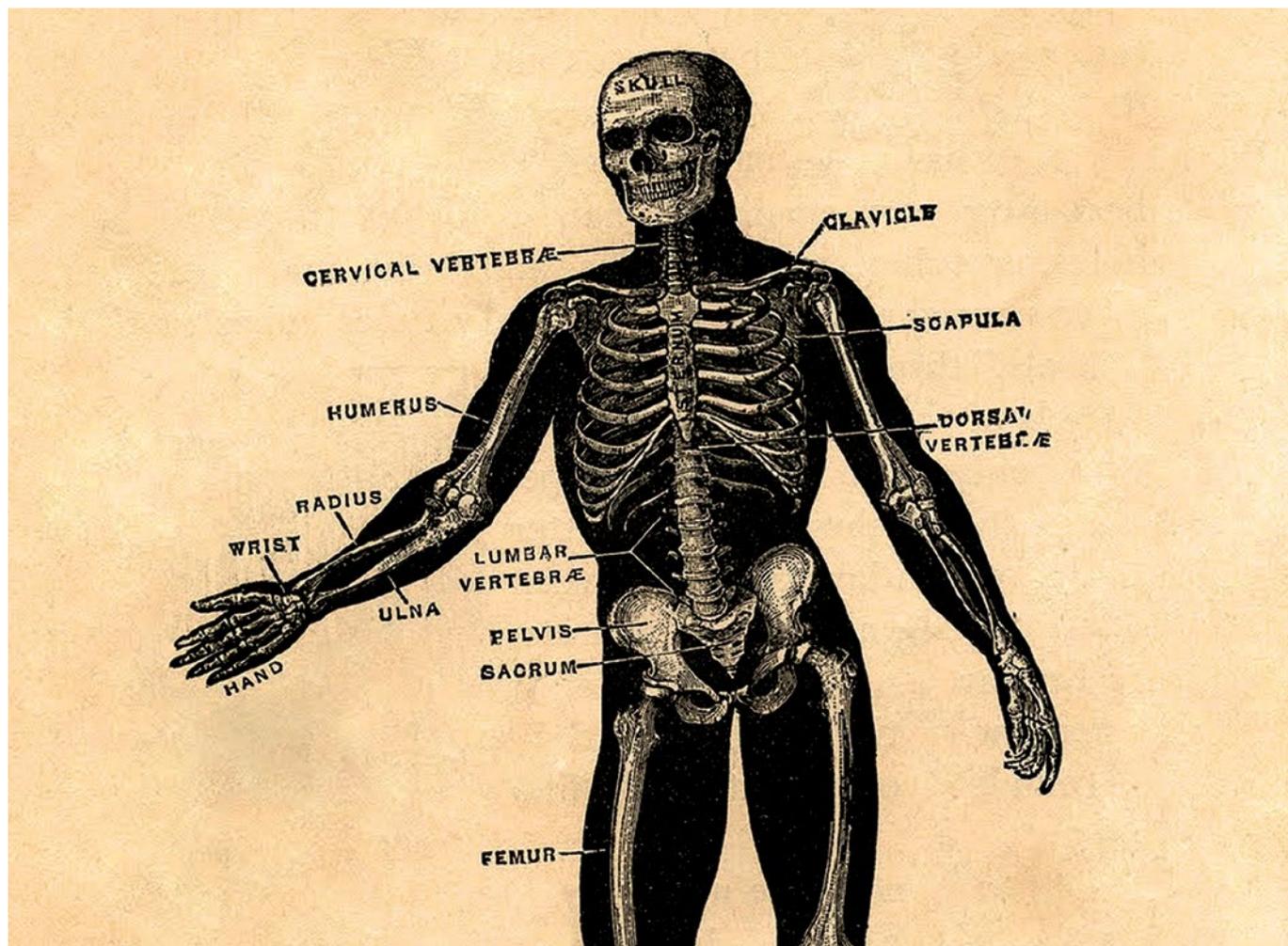
[geral@vertentability.pt](mailto:geral@vertentability.pt)

MÃOS NASCIDAS PARA AMANHAR OSSOS E NERVOS

# 'Virtuosos' da medicina popular

São uma espécie de alternativa popular aos serviços públicos de saúde. Tratam ossos, músculos e ciática. Ainda os há na região e exercem uma arte que dizem ser hereditária e sem preços estipulados. Cada um paga o que tiver possibilidade e vontade.

TEXTO JOSÉ BENTO AMARO | FOTOGRAFIA DR



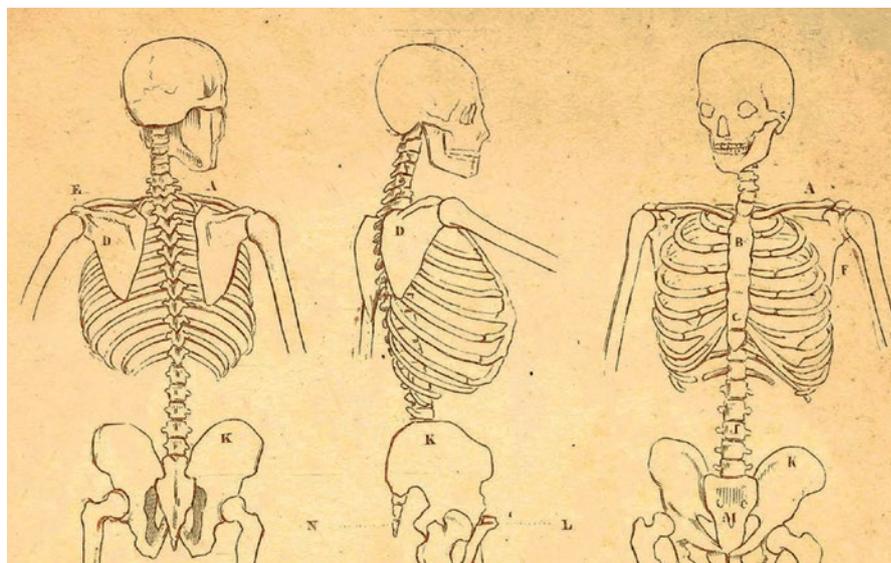
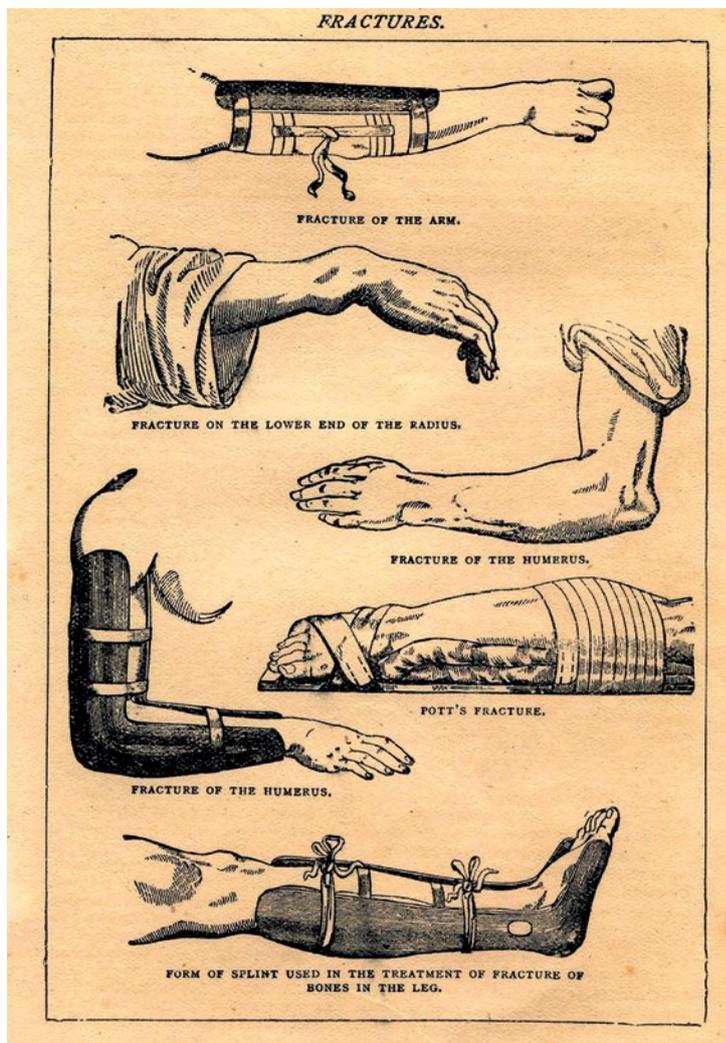
Um dom que se transmite geneticamente, um negócio familiar, uma crendice. Há quem diga que o trabalho dos endireitas ou amanhadores é uma mistura dos três. Puxão para um lado, amasso para outro, umas vezes a carregar e outras a esfregar, os ossos, os músculos e os tendões acabam por ir ao lugar. Atividade imemorial, ainda hoje se encontra esta quase espécie de ‘virtuosos’ da medicina popular um pouco por todo o Alentejo. Dizem que trabalho não falta e que até há médicos, contrariando desavenças antigas, que já recomendam os seus préstimos.

Não há na Sonega, próximo do Cercal do Alentejo, quem não conheça José Maria António, vulgarmente tratado por Zé Azenha. Pelas suas mãos, dizem, já passaram “milhares” de doentes, pessoas que “passavam dias e noites sem pregar olho, a reboarem-se com dores” e que, depois de uns breves minutos de consulta viram nascer novos sorrisos nos rostos. “Todos os dias aparece aqui gente à procura de ajuda. Vêm de todo o lado e do estrangeiro”, conta o endireita à Semmais.

O negócio dos ossos, dos músculos, dos tendões e também da temida e esconjurada ciática é algo que se faz graças a “um dom que nasce com a pessoa”. Di-lo Zé Azenha e confirmam-no Manuel Luís Ferreira Silva, o Ferreirinha, que atende no Castelão, no concelho de Odemira, e José António Rolo, com ‘consultório’ montado em Alter do Chão, Portalegre.

“Eu trabalho desde os 10 ou 12 anos. Sempre senti que tinha o dom”, refere o endireita de Alter do Chão. “O primeiro trabalho a sério que tive? Foi uma rapariga que apareceu coxa. Dei-lhe uns jeitos e ficou boa”, conta.

Já Ferreirinha, 67 anos de idade e 32 ‘a endireitar a sério’, de volta dos membros deslocados, torcidos e inchados, não tem dúvidas: “Isto é coisa que nasce com a pessoa. Já o meu pai e o meu avô também amanhavam”.



## Partiu a perna e curou-a com areia e sem médico

Não existam estudos que provem que este ofício seja algo que se transmite entre familiares, mas os endireitas contactados referem todos que, antes deles começarem a atender, já um vasto conjunto de familiares o fazia e com isso ganhava a vida.

“Isto vem de família. Na família do meu pai só havia uma pessoa que não trabalhava nisto. Eu comecei mais a sério em 1964, na tropa, em Moçambique. Comecei a arranjar uns dedos e uns pés e a coisa começou a ser conhecida. Depois, quando voltei, falando com a família, fui aprendendo mais e nunca mais parou”, diz Zé Azenha, que à beira de celebrar 80 anos ainda vai dividindo a atividade que lhe dá “bom sustento” com a agricultura.

Ferreirinha, por sua vez, lembra alguns passos dados em Sines, onde trabalhava, na década de 1980. O pai e o avô já lhe tinham transmitido alguns conceitos. Eram pessoas bem vistas no ofício. Tão acreditadas que nem sequer recorriam aos cuidados dos médicos em situações mais extremas. “Um dia um boi partiu-me a perna em dois sítios. O meu não me mandou para o médico nem para o hospital. Pôs-me umas talas e vestiu-me duas meias de vidro, dessas das mulheres, cheias de areia. Foi assim que curei as fraturas. Depois, a fisioterapia foi andar nos campos, atrás do gado”, conta.

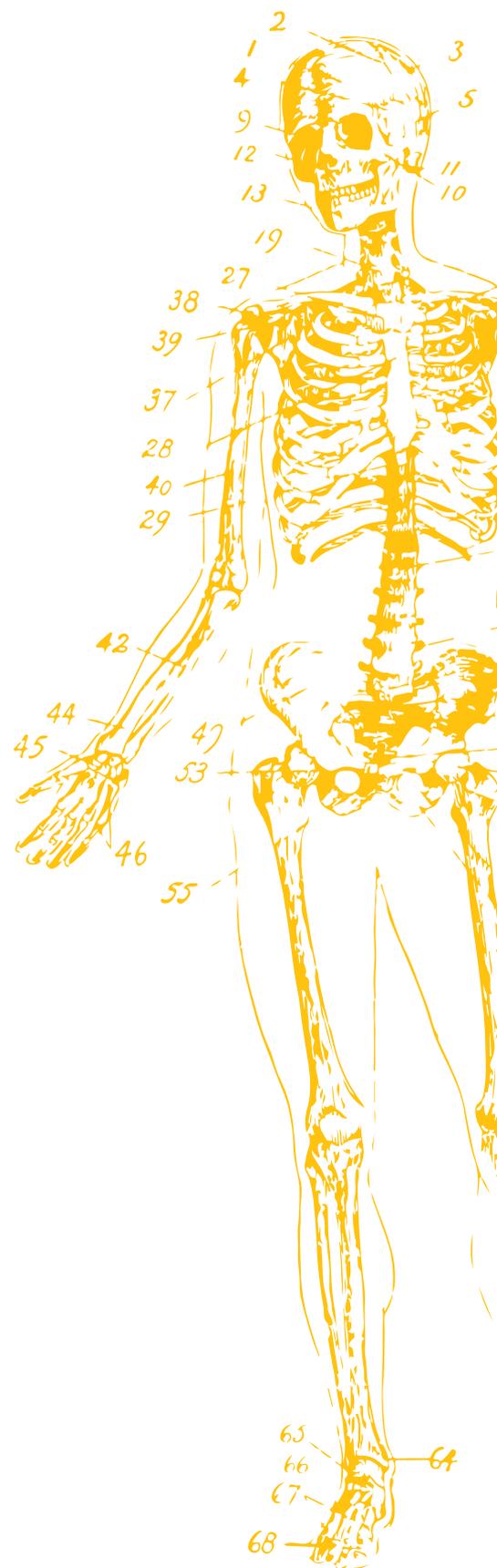
Quando foi necessário, começou a amanhar os esqueletos dos colegas com quem trabalhava na construção civil e foi ganhando reputação. Até que um dia, “na véspera de Natal, quando andávamos a abrir os esgotos em São Luís (concelho de

Odemira), um veio ter comigo aflito, com o pescoço todo torto. Arranjei-o e, depois disso, nunca mais parei”, recorda.

José Rolo, 68 anos, é sobrinho de Francisco “Cascavelhana”, um dos mais conhecidos endireitas que trabalharam no Alentejo (sobretudo no distrito de Portalegre). “A minha avó e o meu tio trabalhavam nisto e eu aprendi muito com eles. Depois comecei a fazer vida por conta própria. Leio muito, para aprender cada vez mais. Trato braços, a ciática, as omoplatas, o fundo da coluna, as costelas”, refere.

Os três endireitas afirmam também que, mesmo numa época em que a região já não tem o número de habitantes de outrora, não passa um dia em que os seus serviços não sejam procurados.

“Recebo entre 25 a 30 pessoas por semana. Vem sempre muita gente. Há muitos espanhóis. Tanta vez que me tenho levantado de noite para acudir a pessoas que aparecem cheias de dores”, diz José Rolo, sublinhando que nem todos os dias tem disponibilidade para amanhar ossos. Também Zé Azenha diz que não tem mãos a medir, apesar de a saúde nem sempre lhe permitir trabalhar como gostaria. “Eu arranjo tudo o que está desmanchado e também trato da ciática. Por isso é que tenho gente do Algarve, de Lisboa, do Norte e muitos estrangeiros. Ferreirinha, por seu turno, assegura que tem dias que “até perco o conto”: “Às vezes chegam e dizem-me que estão ‘escadeirados’, que tenho de os ajudar. Tenho dias em que, se calhar, recebo mais de 20 pessoas”.



## Cada um dá o que quer pelo tratamento

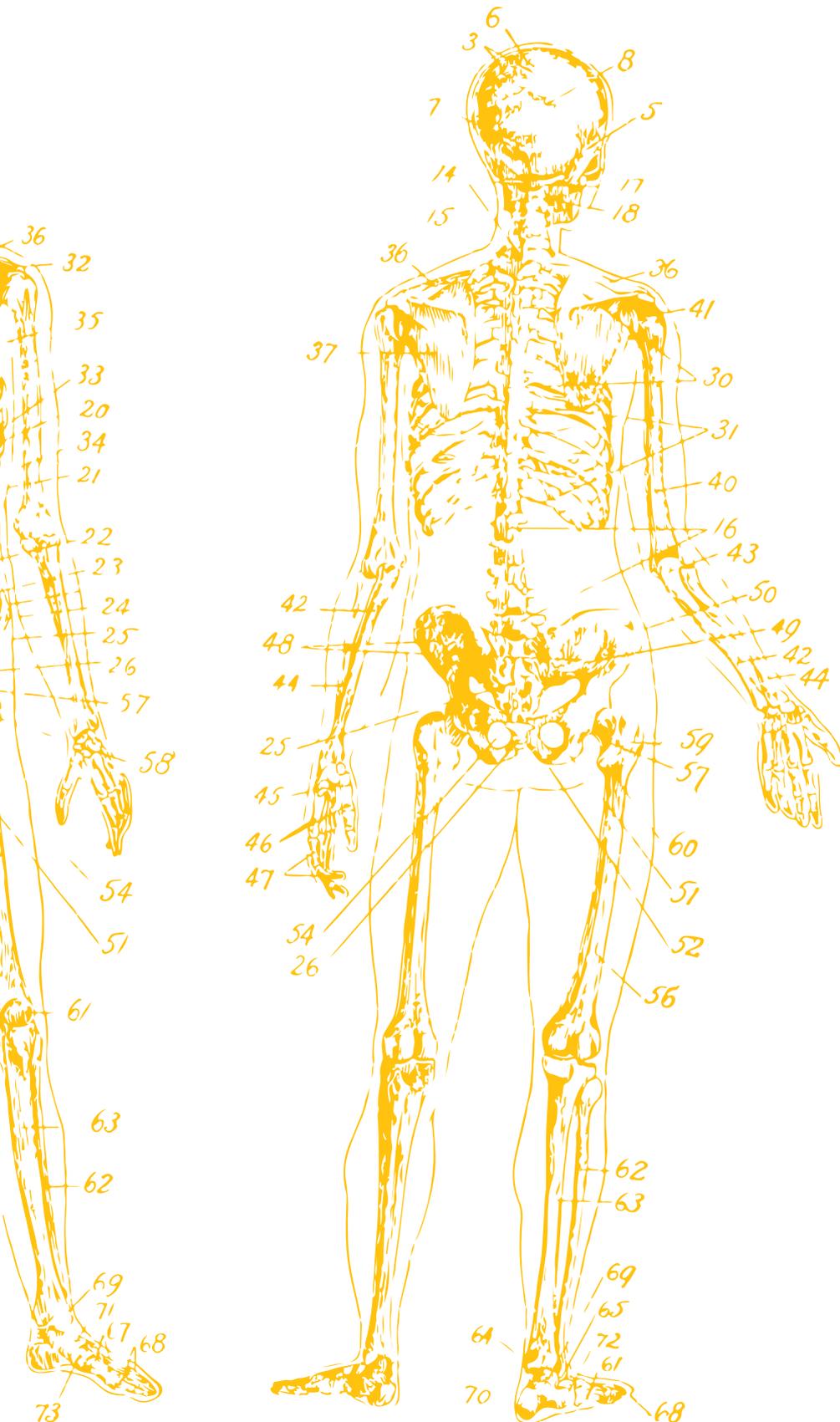
Há uma espécie de norma instituída entre os oficiais deste ofício: não existe preço para qualquer tratamento. Cada doente dá o que quer. Paga o que pode. Não há faturas, apenas o agradecimento por uma dor que se foi ou um andar manco que desapareceu.

“Olhe, muitas vezes aparecem aqui pessoas que não têm dinheiro para elas, para a sua vida, quanto mais para pagarem o serviço. Não podemos esperar que estas pessoas deem o que não têm. Mas é verdade que também recebo advogados, juizes e até há médicos que trazem cá os filhos. O trabalho tem sido tanto, que já tive de deixar de atender ao domingo. Agora estou aqui a falar consigo e já tenho um rapaz à espera para ser visto”, diz Ferreirinha.

“Eu dou-me muito bem com os médicos e há alguns que até me mandam doentes. Ajudamos-nos uns aos outros, porque por vezes também deteto pequenas fraturas e encaminho as pessoas para os hospitais”, adianta José Rolo, acrescentando que o que ganha com os atendimentos “é bom”, mas que “o melhor é as pessoas pas-sarem palavra umas às outras.

“Se fosse a exigir dinheiro às pessoas... Não. Cada um dá o que quer. A coisa vai dando. É sinal de que as pessoas acreditam em nós e, por isso, eu já não preciso de fotografias e muito reclame”, refere por sua vez Zé Azenha.

A credibilidade da função, essa costuma ser ilustrada por uma história que todos os endireitas contam. A de um colega, há várias décadas, que foi conduzido ao Tribunal de Estremoz para responder por charlatanice. Para provar que o seu dom era verdadeiro, o réu terá levado uma galinha, que “desencasou” (tirou os ossos do lugar) em frente ao juiz. Depois, voltando a “montá-la”, a ave depressa se pôs de pé, desatando a correr “como nova” pela sala de audiências. ■



AINDA HÁ DUAS BANDAS, MAS QUASE NÃO HÁ QUEM REMENDE CALÇADO

## Um sapateiro para 32 habitantes...

O surgimento da borracha acabou com o trabalho de mais de uma centena de sapateiros. Dos tempos antigos subsistem as duas bandas. Os músicos já se dão melhor uns com os outros e até bebem um Porto juntos.

TEXTO JOSÉ BENTO AMARO | FOTOGRAFIA DR





Há coisas difíceis de explicar. Uma delas envolve a vila do Vimieiro, no concelho de Arraiolos, distrito de Évora. Imagine que o tempo recuou até à década de 1950. Nessa data a terra não tinha mais de 3.500 almas. A maior parte dedicava-se à agricultura, mas também existiam 109 sapateiros e duas bandas música. Hoje, dos primeiros, resta apenas um em atividade. As duas filarmónicas ainda tocam, embora com elencos reduzidos e, muitas vezes, reforçados com músicos de outras terras. Outra profissão que então estava no topo, a das costureiras/modistas não passa agora de uma recordação.

“Quando acabei a escola, para onde entrei com sete anos e saí com 11, o meu pai deu-me três hipóteses. Disse-me ele: Queres ir para o campo, queres ser barbeiro ou queres ser sapateiro? Para o campo não me apetecia muito, que era vida dura. Ser barbeiro também não, que não me agradava andar a mexer na

cara dos homens. Foi então que fui aprender para sapateiro”, contou à Semmais Francisco Teles, 80 anos de idade e o único sapateiro que ainda trabalha no Vimieiro.

Mais ou menos por essa época, o “Mestre”, como agora é tratado pela maior parte dos habitantes da vila e de outras terras em redor, deixou-se seduzir por outra paixão que lhe tomara conta do sentido desde tenra idade: Ingressou na Sociedade União Vimieirense, uma das duas filarmónicas da povoação. A outra é a Sociedade 1º de Abril. A primeira faz 100 anos de existência. A segunda já os completou.

“Comecei a aprender música. A tocar requinta, que é uma espécie de clarinete. A requinta, porque permite solos, é assim como que uma espécie de violino das bandas pequenas”, explica o homem que hoje, para além de manter em funcionamento uma oficina de sapateiro, também dirige a banda da Sociedade União Vimieirense.



## Ofícios do mesmo mister que não se podiam ver

Francisco Teles, alternando a conversa entre a sovela e o martelinho e os instrumentos musicais, escolhe agora os segundos: “Aqui no Vimieiro toda a gente gostou sempre muito de música. Isto era uma terra que não tinha outras hipóteses de emprego: Ou se era sapateiro ou se trabalhava na agricultura. Praticamente ninguém saía da vila e tocar numa das bandas era um escape, uma distração. Eu, para além de fazer e remendar sapatos e botas, também gostava muito de música”.

Mas a coexistência das duas bandas na mesma vila não era pacífica. Francisco Teles conta que desde sempre existiu uma rivalidade entre ambas que ia muito além da capacidade de ler pautas e da habilidade de cada um dos executantes para as interpretar e fazer soar o respetivo instrumento. “Sempre foi difícil. Já os mais antigos contavam que os de uma banda não podiam ver os da outra. Se um músico de uma banda fos-

se descoberto a tocar na outra era de imediato posto fora. Nas festas tocavam as duas bandas, mas tinham de passar por ruas opostas, que era para a coisa não azedar e, quando se dava o caso de uma passar em frente à sede da outra, então os instrumentos calavam-se. Só a caixa rufava”, conta a rir-se, lembrando-se duma cena épica do cinema português quando, no filme “A aldeia da roupa branca”, os músicos de duas bandas rivais acabam envolvidos numa sessão de pancadaria na disputa por um lugar no coreto da terra.

“Hoje as coisas estão mais mansas. Quando é no Natal já se vê um músico de uma das bandas pagar um Porto a um rival. Tudo muda”, diz ainda o antigo músico e sapateiro, lembrando que as filarmónicas da terra, mesmo subsistindo, têm agora apenas 28 intérpretes cada uma delas: “E mesmo assim já é necessário ir buscar reforços a outros lados. Quantos? Por vezes vêm dez ou 12”.



22



## Borracha matou uma arte tradicional



Estava-se em 1957 quando o contingente de 109 sapateiros existentes no Vimieiro (uma média de um sapateiro para cada 32 habitantes) e dispersos por quase uma vintena de oficinas, sofreu o primeiro dos vários golpes que quase conduziram à extinção do ofício na vila. O culpado de tal ‘desgraça’ dá pelo nome de borracha.

“Foi com o aparecimento do calçado de borracha que os sapateiros começaram a entrar em declínio. Aos poucos começou a faltar o trabalho. O atinado (pele de vaca que tem uma cor quase branca depois de tratada e que depois é tingida com as cores que se quiser para ser utilizado no fabrico do calçado) e a vitela começaram a ser substituídos. Às tantas já ninguém se governava. Eu, enquanto miúdo, ganhava muito pouco, cerca de 100 escudos por mês, que seria o preço de um par de sapatos. Fazia um par de sapatos em dois dias. Nessa altura quem ganhava muito dinheiro eram os mestres, que faziam vendas em todas as feiras de todas as terras em redor. Os aprendizes ganhavam muito mal e, muitas vezes, nem sequer eram ensinados pelos mais velhos. Acabei por me chatear e, depois de ir uns tempos para o campo, também de lá saí, muito por culpa de uma infeção numa vista causada por uma espiga de trigo”, conta Francisco Teles.

‘Arrumados’ os sapatos e já com 19 anos, Francisco foi então para a tropa. Foi da terra para a banda militar aquartelada em Évora mas, passados uns tempos, estava de novo “aborrecido”, pelo que rumou a Oeiras, para trabalhar na Fundação local e tocar na banda que ali existia. Não foi, no entanto, experiência única: “Acho que devo ter tocado em

mais de 30 bandas na zona de Lisboa. Também trabalhei na Carris, de onde fui despedido ainda antes da Revolução. Depois de Abril de 1974 voltaram a chamar-me para lá. Já tinha sido agulheiro e cobrador, mas acabei também por ser guarda-freio, correiro e estofador. Até que em 1998 voltei ao ofício de sapateiro”.

A oficina que manteve em Oeiras funcionou até 2020. Nesse ano entendeu que estava na hora de voltar ao Vimieiro. “Trouxe o material todo e montei uma nova oficina. Hoje sou o único sapateiro da terra (cerca de 1.500 residentes). Desta e em muitas aqui em redor. Não há sapateiros em lado nenhum. Dizem-me que só existe um em Évora. Ainda hoje atendi um cliente que veio de propósito de Pavia, a cerca de 12 quilómetros daqui...”, recorda.

O regresso à terra foi também o regresso à banda: “Não há muita gente. Criou-se uma escola chamada ‘Bate na Lata’, que é só para ritmo. Mas só o ritmo não chega. É preciso saber solfejo. E é isso que eu faço: ensino solfejo a quem quer aprender”.

Francisco Teles diz ainda que os músicos e os sapateiros correm o risco de desaparecer, tal como aconteceu com as costureiras. “As raparigas da terra iam aprender costura à casa das mestras. Em cada casa havia sete ou oito aprendizes. Foi nesse caminho, entre a banda e a mestra, que conheci a minha mulher. Eu, se alguém quisesse aprender o ofício de sapateiro, até lhe oferecia todo o material que ainda tenho e que dá à vontade para alguns três anos. Mas não aparece ninguém... O que vale é que no ano passado fiz um workshop para os miúdos da escola. Fabriquei alguns 28 pares de sandálias que lhes ofereci”, recorda. ■



PRECIOSOS CONHOS HÁ CERCA DE DOIS MILÉNIOS NO ARNEIRO

# Ouro dos romanos ainda atrai curiosos

Aldeia quase na margem do Tejo foi mina opulenta, viveiro farto de peixes e lagostins, terra onde todos pescavam. Hoje vive dos turistas que vão apreciar as aves nas Portas de Ródão e os hectares de conhos, as pedras de onde se extraíram fortunas.

TEXTO JOSÉ BENTO AMARO | FOTOGRAFIA SEMMAIS

24





Para os menos informados, os cerca de três quilómetros que separam a aldeia do Arneiro, no concelho de Nisa, do Rio Tejo, não são mais do que uma espécie de um sinuoso carreiro de formigas alcatroado que corta terrenos pejados de oliveiras e, sobretudo, milhões de seixos. Para os menos conhecedores, tanto calhau é apenas o trabalho de alguém que, provavelmente, há muitos anos, andou por ali a espalhar pedregulhos. Depois, afixada em painéis ao longo do percurso, vem a explicação: Aquele é o trilho da mina de ouro do Conhal. Sim, aquelas inúmeras pedras dispersas por cerca de 70 a 90 hectares e que em determinados locais quase fazem paredes, chamam-se conhos e delas foram retiradas, há cerca de dois milénios, qualquer coisa como três toneladas de ouro.

O Arneiro é uma aldeia de pescadores. Ou melhor: já foi uma povoação onde a pesca era dominante. Hoje tem dois restaurantes que servem o peixe capturado no Tejo por um só pescador resistente e na sua entrada, numa rotunda, exhibe um “picareto”, a embarcação de pesca da zona e que noutros tempos era comum em todas as casas. A terra

‘vende-se’ pela oferta gastronómica, mas sobretudo pelo seu passado histórico. Ali, a dois passos das Portas de Ródão, assumindo-se como última fronteira entre o Alentejo, a Beira Baixa e Espanha, a povoação atrai gente de todas as paragens graças à mineração em tempos feita pelos romanos.

“Hoje já não há nada disso (mineração de ouro). O que existe são grupos de pessoas que vêm percorrer o Trilho da Mina de Ouro. Vêm conhecer a história desta terra, que não tem saída para lado algum a não ser para o rio e que noutros tempos foi muito importante devido ao ouro que existia”, diz à nossa revista o presidente da Junta de Freguesia de Santana (que inclui o Arneiro), Joaquim Carita.

Para melhor conhecer a história, o ideal é que cada visitante, ainda antes de começar a percorrer a pé o caminho que leva ao rio, passe primeiro pela antiga escola primária da povoação. É lá que está instalado o Centro Interpretativo do Conhal do Arneiro. É lá que se desvenda um pouco do passado faustoso de uma terra que até para muitos alentejanos é quase desconhecida.

Plínio, o Velho, foi um naturalista romano que descreveu a riqueza do Tejo há 2.000 anos. Chamavam-lhe então Aurifer Tagus. Uma levada de água trazida desde a Ribeira de Nisa até ao Arneiro servia para lavar os conhos ricos em ouro. Mesmo mais tarde, quando os romanos já não estavam na zona, o metal precioso continuou a ser abundante. Diz-se mesmo que D. João III, para reafirmar a qualidade do ouro ali extraído, mandou fazer um imponente cetro, ao passo que Vasco da Gama, aproveitando o mesmo minério mandou moldar uma cruz que terá servido de embaixadora da riqueza portuguesa em diversos reinos europeus.

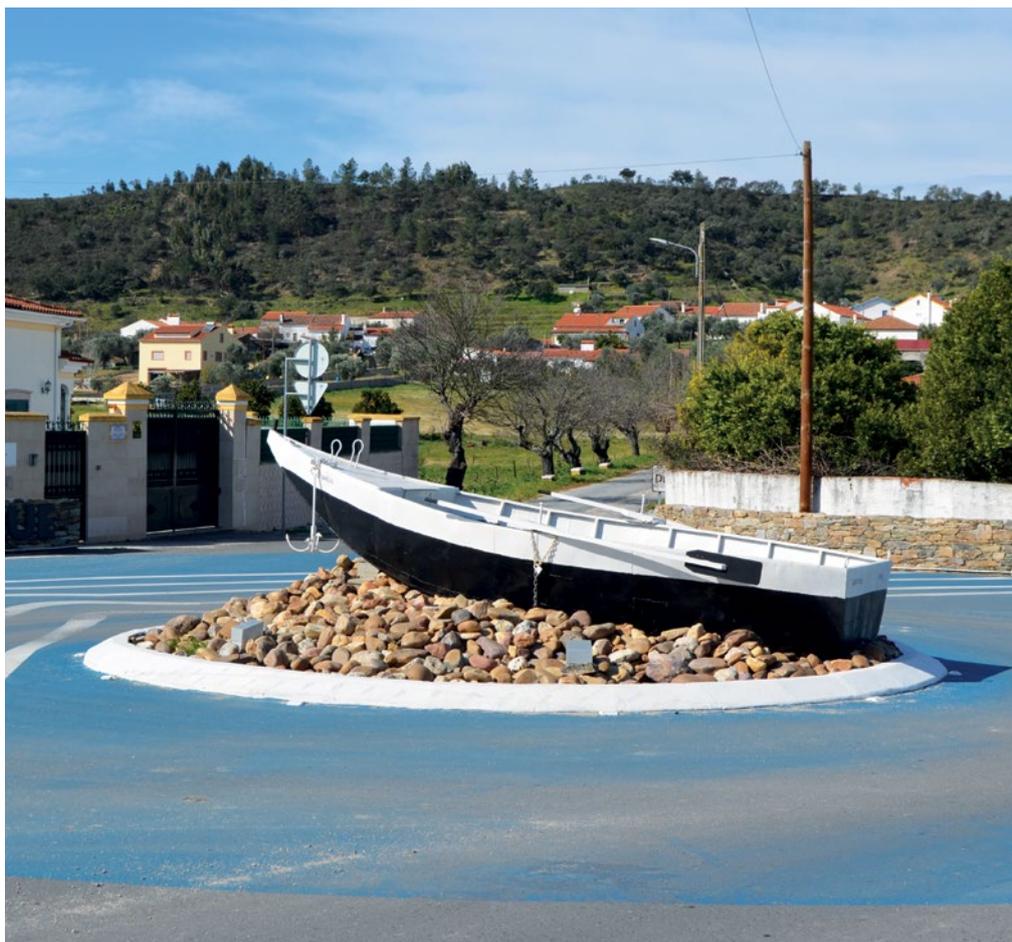
Mas, para além do ouro, também o ferro e a prata ali terão sido minerados. Próximo do Trilho do Conhal existe mesmo o Buraco da Faiopa, que terá sido uma antiga mina de ferro. Envolto em lendas - diz-se até que seria o local de passagem utilizado por um rei mouro para visitar uma rainha cristã por quem se apaixonara - o local não é aconselhado para quem lá queira entrar, uma vez que existe o perigo de derrocada.

## Foi-se o ouro, reduziram os peixes e lagostins

O mesmo rio que fomentou o progresso está agora também ligado a um menor fulgor económico. Dizem os naturais que a pesca definhou quase irremediavelmente devido à poluição causada pela presença, a curta distância, de uma empresa de celulose. Ainda existem barbos e sáveis, mas nada como, por exemplo, há 30 anos, quando em cada rua da povoação existiam “para cima de uma dúzia de pescadores”.

“Temos na aldeia a Travessa dos Pescadores. Antes, naquelas casas, só viviam pessoas que se dedicavam à pesca. Agora não há lá nenhuma. A poluição do Tejo e a dificuldade em continuar a viver do que o rio dava acabou por mandar muita gente para fora”, ilustra o presidente da junta.

A mingua de peixe foi de algum modo colmatada com o surgimento de uma espécie invasora. O lagostim vermelho do Luisiana instalou-se e, durante mais alguns anos, continuou a alimentar a economia local. “As pessoas governaram-se muito bem até há meia dúzia de anos”, explica Joaquim Carita, acrescentando que a captura e venda, para Espanha, daqueles crustáceos constituiu um bom rendimento. O pior foi quando surgiu a proibição estatal de comercializar a espécie. “Foi uma porrada forte na vida destas pessoas, que tinham ali uma fonte de rendimento e que, quando os apanhavam, ajudavam a combater uma praga que tanto mal faz aos outros peixes e até às hortas”, lamenta Hélder Martinho, cliente regular dos restaurantes locais.





## Fechou-se uma porta e abriu-se uma janela

“Quando se fecha uma porta, logo se abre uma janela”, diz Nuno Capão, outro dos comensais que fomos encontrar num dos restaurantes. “Agora há, de certeza, menos peixe, mas a junta de freguesia está a promover bem o trilho da mina de ouro. É preciso explicarem bem o que aqui existiu e a história do Arneiro a quem é de fora, das terras aqui à volta. Se for a Portalegre, que é capital de distrito e fica a cerca de 50 quilómetros, vai perceber que grande parte das pessoas não conhecem nada sobre os romanos, o ouro e outros metais que aqui terão sido explorados”, refere.

Joaquim Carita, o autarca local, afirma também que a proximidade das Portas de Ródão, em cujos rochedos nidificam abutres negros do Egito e grifos, para além de outras espécies ameaçadas, vai continuar a servir para atrair pessoas à aldeia. “Podem vir ver o rio ou as aves, mas acabam por conhecer o trilho da mina de ouro e a nossa gastronomia. É isso que sentimos. Há fins-de-semana em que aparecem grupos de dezenas de pessoas. De Portugal e do estrangeiro”, diz. ■

27



INDETERMINADA DIMENSÃO DA RIQUEZA ARQUEOLÓGICA

# Alentejo redescoberto pelo ar



28

Quase todos os meses surge a notícia de um novo sítio arqueológico. Há 25 anos havia conhecimento de três recintos cerimoniais, hoje são cerca de 80. O varrimento do terreno com laser é a ferramenta que está a destapar o património alentejano.

TEXTO JOSÉ BENTO AMARO | FOTOGRAFIA DR



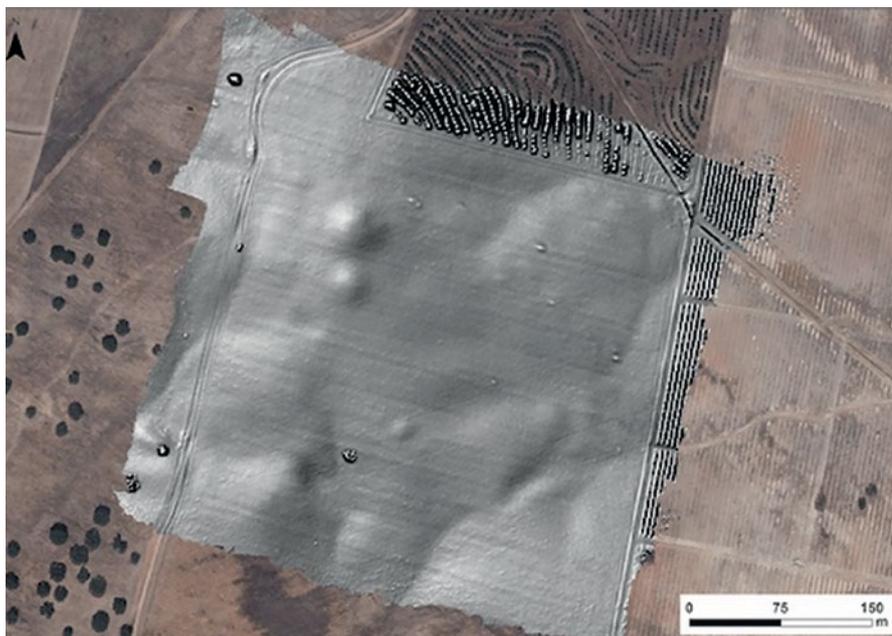
Alentejo é uma espécie de arca arqueológica. Os vestígios de outras eras surgem a cada escavação que se efetua, seja no litoral ou nas zonas interiores. Funcionam como livros de História que diariamente são folheados e revelam práticas milenares. Longe de estar esgotado, este filão pode agora ser ainda melhor explorado, uma vez que começam a ser utilizados novos equipamentos tecnológicos que permitem mais facilmente identificar importantes achados. O varrimento do terreno em altitude, com um aparelho de raio x, tem revelado a existência de dezenas de sítios arqueológicos, dos quais se destacam os monumentos cerimoniais e funerários.

Chanca, no concelho de Cuba, ou Porto Torrão, em Ferreira do Alentejo, são nomes de locais que praticamente só os arqueólogos identificam. Para os cidadãos comuns, mesmo que por ali tenham passado durante décadas, nunca existiu a perceção de estarem a pisar sítios arqueológicos com muitos milhares de anos, com origens no Calcolítico e no Neolítico. São, no entanto, os locais onde recentemente se descobriram dois grandes recintos cuja importância é considerada muito alta. Estes espaços foram detetados com recurso às

novas tecnologias, nomeadamente a geofísica e ao varrimento aéreo por laser, um sistema remoto designado por Lidar e que em Portugal dá os primeiros passos.

“Há cerca de 25 anos apenas se conheciam três estruturas idênticas em todo o Alentejo. Eram os recintos da Herdade dos Perdigões, de Santa Vitória, próximo de Campo Maior, e um outro em Elvas. Hoje, devido à utilização do varrimento aéreo por laser, já estão identificados na região cerca de 80 sítios cerimoniais. Alguns são de tal modo importantes que, mesmo com tecnologia de ponta, ainda não foi possível determinar a sua extensão. É o que acontece, por exemplo, em Porto Torrão, Ferreira do Alentejo”, disse à Semmais Miguel Lago, arqueólogo e fundador e administrador da Era Arqueologia, empresa pioneira no país na utilização do sistema laser para deteção de sítios arqueológicos.

Dando exemplos de outros sítios arqueológicos que o sistema Lidar e a geofísica ajudaram a detetar no Alentejo, o mesmo responsável refere o Castro dos Concos e o Castro da Cola, em Évora, a Mesa dos Castelinhos (Idade do Ferro), em Almodôvar, o Outeiro do Circo, em Beja, e toda a extensão da antiga muralha da Idade do ferro que circundava Mértola.



de, por exemplo, olival ou amendoal, pode identificar os eventuais vestígios arqueológicos existentes. É, portanto, um sistema que possibilita planear e que dá tempo para projetar sem criar impacto negativo, ou seja varrer o território sem destruir”, explicou a mesma técnica.

Foi, portanto, graças a este equipamento, mas também ao recurso à geofísica (que está a ser utilizada nas obras de expansão de um cais do porto de Sines), que os arqueólogos descobriram recentemente algumas dezenas de sítios arqueológicos no Alentejo, entre fossos, muralhas e recintos cerimoniais, sendo que alguns, conforme salienta Miguel Lago, “são completa novidade”.

“A importância do recurso às novas tecnologias é imensa e entendo que a elas devem recorrer o Estado e as autarquias. Por enquanto, estes recursos têm vindo a ser solicitados, sobretudo, por promotores de áreas florestais e de projetos agrícolas. Os levantamentos que têm sido efetuados são da responsabilidade de privados. No futuro, para maior salvaguarda do património arqueológico, terão de ser também as entidades públicas a socorrerem-se da tecnologia”, referiu o fundador da Era Arqueologia, acrescentando que a empresa tem vindo a receber solicitações de trabalho vindas de Espanha e França.

A breve prazo prevê-se que o Estado possa vir a recorrer ao sistema Lidar tendo em vista o controlo da ocupação dos solos e da monitorização da mancha florestal. Atualmente, estão a ser efetuados estudos nas universidades da Maia e Aveiro, onde se valoriza, sobretudo, o facto de a deteção por via aérea poder cobrir, diariamente, cerca de 100 hectares de terreno.

### Agricultura também lucra com a metodologia

A arqueóloga Ana Paula Pereira, que tem coordenado diversos trabalhos em toda a região, sobretudo na zona do litoral, entende que a deteção aérea por laser é um passo fundamental na prospeção arqueológica, uma vez que permite prospeções não intrusivas e, por isso, com capacidade de não causarem danos, mas que também potencia uma redução do tempo de trabalho e, consequentemente, de custos. Além disso, refere, constitui um preciso auxiliar para os agricultores.

“O sistema Lidar, que permite a utilização com aviões, helicópteros ou drones, tem uma alta definição que possibilita até detetar vestígios debaixo do coberto vegetal. Permite ver o que está soterrado a uma determinada profundidade e que de outro modo poderia passar despercebido. Só esse facto, o de permitir que os trabalhos sejam direcionados diretamente para um local específico, acarreta ganhos de tempo e de dinheiro muito relevantes. Mas também é muito importante para a agricultura, porque um varrimento do terreno antes de nele se fazer uma plantação





## Autarquias podem ter um papel fundamental

Os arqueólogos entendem também que a salvaguarda do património passa muito pela capacidade que as autarquias venham a demonstrar no futuro, no que respeita à proteção e divulgação dos sítios arqueológicos.

“Neste momento o que existe é uma grande falta de informação e grandes dificuldades de comunicação. Um exemplo evidente dessas carências são as ruínas de Miróbriga. Ninguém tem a noção, a nível nacional, da dimensão dos trabalhos realizados, das prospeções, dos trabalhos de campo em curso em todo o país, nomeadamente no Alentejo”, referiu Miguel

Lago. O arqueólogo entende que só com a transferência de competências e meios para as autarquias é que muitos vestígios arqueológicos de diversas épocas podem ser salvos. “Durante as obras da EDIA para a construção da Barragem de Alqueva e dos seus canais de irrigação, foram afetados muitos locais de interesse histórico e patrimonial. Hoje já existem ferramentas que permitem intervir sem destruir. Essas mesmas ferramentas podem e devem ser utilizadas pelas autarquias que, na maior parte dos casos, nem sequer concluíram os seus mapas arqueológicos”, concluiu. ■

**TRIVALOR**  
Servimos bem-estar.

www.trivalor.pt



### FOOD SERVICES

- Restauração Coletiva
- Restauração Pública e Catering de Eventos
- Vending

### FACILITY SERVICES

- Segurança Humana e Eletrónica
- Limpeza
- Benefícios e Incentivos
- Manutenção e Gestão de Facilities
- Gestão Documental
- Trabalho Temporário e Outsourcing

### LOGISTICS AND DISTRIBUTION

- Representações e Logística
- Produção Alimentar
- Produção Industrial

### MANAGEMENT AND SERVICES

- Gestão Integrada de Serviços
- Serviços Partilhados
- Saúde e Segurança no Trabalho



# Juntos somos mais fortes!

OLGA AMARAL  
PROFESSORA INSTITUTO POLITÉCNICO DE BEJA

*“Por mero acaso ou porque a natureza sabe o que faz, o azeite com que temperamos o tomate aumenta a absorção do licopeno e dos antioxidantes dos orégãos.”*

Esta frase, válida em tantos e diferentes contextos da vida, é o mote para falar de um trio que, nesta época do ano, está muito presente na mesa dos portugueses: tomate, azeite e orégãos.

O tomate, que na realidade é um fruto, faz parte do grupo dos hortícolas na Roda dos Alimentos. De facto, o seu valor nutricional é mais semelhante ao dos hortícolas do que ao dos frutos e por isso foi “arrumado” junto dos seus parentes nutricionais. Tem inúmeras aplicações culinárias, cozinhado ou cru e, nutricionalmente, é duma enorme riqueza. Não é por acaso que os italianos lhe chamam pomodoro que significa maçã de ouro. É particularmente rico num composto antioxidante que se denomina licopeno e que exerce um efeito protetor de diversas doenças crónicas.

Também o azeite tem origem num fruto, a azeitona. Quando se obtém por simples prensagem das azeitonas obtemos o azeite virgem. Este é um alimento duma riqueza extraordinária ou não fosse um

dos principais responsáveis pelos benefícios indiscutíveis da Dieta Mediterrânica. Além do tipo de gordura que contém (a monoinsaturada que é a mais saudável) ainda tem vitamina E e compostos com propriedades antioxidantes (polifenóis). Duma forma bem simples diria que as nossas células envelhecem porque sofrem oxidações várias e estes compostos vão retardar o envelhecimento celular permitindo um melhor funcionamento do nosso organismo.

E, como não há duas sem três, lá vêm os orégãos dar o ar da sua graça e acrescentar o seu contributo. Como condimentos que são, conferem aos pratos onde são incorporados um sabor e aroma muito agradável e apreciado quer por adultos quer por crianças. Mas os seus benefícios não são exclusivamente organoléticos, os orégãos têm compostos com propriedades antimicrobianas, ou seja, inibem o crescimento de microrganismos que poderiam deteriorar os alimentos ou causar toxinfecções alimentares.

Além disso (acho que conseguem adivinhar!) também têm compostos antioxidantes.

Por mero acaso ou porque a natureza sabe o que faz, o azeite com que temperamos o tomate aumenta a absorção do licopeno e dos antioxidantes dos orégãos. O efeito antioxidante dos três alimentos conjuga-se e resulta numa combinação extremamente feliz e muito interessante nutricionalmente.

Frequentemente ainda acrescentamos a esta combinação outros alimentos tais como a cebola, o pepino e o pimento, também eles cheios de compostos bioativos. E todos eles ganham por estarem bem acompanhados. A alimentação é mesmo isto, não é a soma simples dos alimentos, mas sim uma equação onde o resultado é superior à soma das parcelas. Nem sempre esta matemática da alimentação funciona a nosso favor como neste caso!

Tomate, azeite e orégãos é mesmo caso para dizer: juntos somos mais fortes! ■



# FEIRA DE SANTIAGO

Sebastião da Gama  
Centenário



## SETÚBAL

21 julho a 6 agosto 2023

**SLOW J / PEDRO ABRUNHOSA**  
**BÁRBARA TINOCO / NENNY / AUREA**  
**SARA CORREIA / JOÃO PEDRO PAIS**  
**JULINHO KSD / TOY / MASHA E O URSO + OVELHA CHONÉ**  
**LINDA MARTINI**  
**CAIS SODRÉ FUNK CONNECTION**  
**BATEU MATOU**  
**SEIVA E SOCIEDADE MUSICAL CAPRICO SETUBALENSE**  
**CONSERVATÓRIO REGIONAL DE SETÚBAL – ZECA AFONSO TOCADO POR MIÚDOS**  
**DEOLINDA DE JESUS E TERESA TAPADAS**  
**FESTIVAL DANÇA SETÚBAL**

Para mais info consultar



[www.feiradesantiago.pt](http://www.feiradesantiago.pt)



Carro Oficial:



Média Partner:



Parceiros:



Apoio:



CARLOS PINTO DE SÁ DIZ QUE ÉVORA CAPITAL EUROPEIA DA CULTURA VAI DEIXAR MARCA

# Locomotiva do turismo na região promete acelerar

A braços com a preparação, em grande, da Capital Europeia da Cultura 2027, o edil eborense lembra a herança pesada dos seus primeiros mandatos e agora quer acelerar o passo do desenvolvimento estratégico. Sem euforias, diz estar a cumprir com as promessas.

ENTREVISTA RAUL TAVARES | FOTOGRAFIA DR



## Consegue pontuar algumas diferenças entre os primeiros mandatos e este que vai fechar o seu ciclo à frente do município eborense?

Nós entendemos estes mandatos de forma coletiva, e tenho este perfil de integrar propostas e aceitar outras formas de ver. Portanto não entendo como projeto pessoal, embora seja responsável por coordenar o projeto político. Mas acho, sim, que há diferenças significativas para este último mandato. Desde logo, porque os mandatos anteriores foram de recuperação da câmara, que estava em falência técnica, com valores negativos incríveis.

## Na altura falava-se em muitos milhões...

Pois, apontavam para uns 95 milhões de euros, quando o orçamento camarário não chegava aos 40. Isto no final de 2013. Mais: o prazo médio de pagamento aos fornecedores chegou a atingir 867 dias; o défice orçamental chegou aos 18 milhões; o excesso de endividamento era de 32,5 milhões, e os resultados operacionais negativos somavam doze milhões...

## Foi uma grande dor de cabeça?

Era a preocupação determinante, com a câmara paralisada por uma situação completamente dramática a que tivemos que deitar mão. Mas

não eram apenas questões financeiras, mas também de organização da câmara e o declínio do concelho. Nos dez anos anteriores, Évora tinha perdido cerca de 1800 postos de trabalho.

### **O que está a dizer é que essa situação limitou a vossa ação?**

Claro, porque os dois mandatos anteriores foram de recuperação, porque só uma câmara recuperada, com contas saudáveis, tem capacidade para dinamizar o concelho e apoiar as instituições.

### **Nesse caso, a sua experiência como edil de Montemor-o-Novo foi importante?**

Sim, foi. Também dizer que sou de economia e tenho alguma experiência nesta área. Em Montemor tínhamos um município saudável e com capacidade de investimento. Portanto, em Évora, conseguimos essa recuperação em dois mandatos, ainda que estejamos a trabalhar uma parte dessa recuperação.

### **Mas já passou essa tormenta totalmente?**

Tivemos que fazer um Plano de Saneamento que custa ainda à câmara cinco milhões de euros por ano. Portanto, não é propriamente algo que já terminou, ainda estamos a sofrer essa herança...

### **Naturalmente que isso retira capacidade de investimento ao município?**

Claro que sim, sobretudo isso, mas conseguimos recuperar. Reduzimos a dívida em mais de 35%, o prazo médio de pagamento baixou para os 49 dias (agora tivemos um ligeiro aumento para a ordem dos 60 dias). E os restantes números estão positivos. Mas ainda continuamos com um problema estrutural que é o negócio, foi feito na altura, com a entrega do sistema de abastecimento de água e saneamento às Águas de Portugal.

### **Com que consequências?**

As competências foram entregues ao Governo que depois entregou às Águas de Portugal. Em termos práticos perdemos a gestão estratégica dos sistemas em alta de água e saneamento, mas sobretudo passámos a ter uma fatura absolutamente descomunal, diria mesmo inaceitável.

### **E há forma de resolver esse problema?**

Contestámos em Tribunal, conseguimos algumas melhorias e pôr um limite à faturação, reduzindo o valor a faturar pela Águas de Portugal, mas mesmo assim é excessivo.

### **Mas depreendi que não é só a questão financeira...**

Exatamente, com este negócio ruinoso a câmara perdeu capacidade de gestão estratégica do sistema. Estamos em mãos de terceiros, que nem sequer têm um olhar particular para o Alentejo.

### **Mesmo perante esses garrotes houve investimento?**

Apesar de termos que recuperar as contas e reorganizar a câmara, apostámos na economia e conseguimos, ao longo destes anos, o maior investimento privado de sempre em Évora.

### **Perante as circunstâncias, qual foi o milagre?**

A credibilidade, porque quando os potenciais investidores vinham ter connosco queriam saber se a câmara cumpria com aquilo que se comprometia, nomeadamente em cedência dos terrenos ou obras necessárias para as infraestruturas. No fundo, se honrava os seus compromissos. Foi difícil no início, porque o quadro financeiro do município nessa altura gerava dúvidas junto dos empresários. Lembro-me da dificuldade que foi convencer a Mecachrome de que conseguíamos cumprir o calendário que nos era apresentado, fator decisivo que nos foi colocado para a empresa se instalar aqui ou ir para Marrocos.

### **Houve também, presumo, aproveitamento de fundos comunitários?**

Sim. Não apenas a câmara, mas também as próprias empresas. Recordo que houve 100 milhões da Embraer, o investimento da Mecachrome, e de outras empresas que se instalaram em Évora, que tiveram apoios comunitários.

### **O cluster aeronáutico de Évora começa a ganhar alguma vitalidade...**

Sem dúvida. Já tínhamos a Embraer, instalada em mandatos anteriores, mas não havia um cluster,



*Foi preciso voltar a credibilidade para voltar a trazer investimentos para o concelho*



*Queremos construir um pavilhão multiusos, um Centro Nacional de Dança Contemporânea e um Centro de Música Polifónica*



porque um cluster não é uma empresa, são grupos de empresas. É formação, é investigação, é ligação com a universidade. É todo um ambiente económico. Isso foi-se criando pouco a pouco. Não é por acaso que o cluster aeronáutico nacional tem sede em Évora.

**Só não conseguiu atrair a Lauak, que foi para Grândola...**

Foi uma situação especial, porque, inclusive, tiveram reserva de terreno em Évora. A Lauak foi para Grândola por razões familiares, porque o filho do principal acionista dessa empresa foi viver para esse concelho. Mas o importante é que esse investimento ficou no Alentejo. Mas a diversificação da nossa economia passa por outros setores, como o da eletrónica, que está a crescer muito, e o turismo.

**Turismo que foi sempre muito forte em Évora...**

Sempre, sobretudo a partir de 2014 altura em que fizemos um acordo com a Entidade Regional de Turismo porque entendíamos que Évora e o Alentejo não podem ser promovidos por cada uma das câmaras, isso é um desperdício.

**A ideia de uma marca, de um chapéu mais alargado...**

Exatamente, e com estratégia de promoção. Évora é uma marca fortíssima, mais forte que a própria marca Alentejo, por isso queríamos esta relação e começámos a trabalhar conjuntamente.

**E os resultados?**

Os resultados têm sido positivos. De 2014 a 2019 o turismo subiu sempre em valores superiores à média

nacional e, nos últimos anos, estava a crescer mais de dois dígitos. Em 2019 tivemos mesmo o melhor ano turístico desde sempre.

**Mas Évora, dentro desse chapéu “Alentejo”, é um caso à parte?**

Tirando a zona da costa alentejana, Évora é uma das duas locomotivas do turismo no Alentejo. Mais que isso, também distribuí turistas para toda a região. Há turistas que já procuram aqui residência. Fizemos um estudo com a ERT no sentido de criar produtos e propostas que permitam aumentar o prazo médio de estadia do turista em Évora, e já se sente resultados.

**Com essa dimensão, a cidade está preparada para continuar a assumir essa condição de locomotiva do turismo?**

Precisamos de mais investimento em infraestruturas públicas. Registamos problemas graves na rede viária, nas questões da mobilidade, nas questões da habitação. Temos aqui desafios importantes para melhorar as condições, que já são boas, para que as pessoas venham a Évora, fiquem em Évora ou possam voltar a Évora.

**Qual é a capacidade instalada de camas turísticas. É suficiente?**

Não, e queremos aumentar substancialmente. Temos cerca de três mil camas instaladas e o nosso objetivo é duplicar o número até 2027.

**Évora também tem constrangimentos por ser património da UNESCO...**

É compreensível haver alguma conflitualidade entre o património e o número de visitantes, entre os residentes e quem nos visita. Mas temos que ter capacidade de acolher os visitantes e melhorar essas condições. Aliás, no âmbito da Capital Europeia da Cultura, vamos ter um programa de acolhimento.

**Já lá iremos a essa recente conquista. Mas esse evento ajuda a cimentar a ideia de Évora como grande centralidade do Alentejo?**

Somos claramente a grande centralidade do Alentejo, a maior cidade de toda a região e a que tem maior dinâmica. Queremos, sim, é que possa contribuir ainda mais para todo o



Alentejo. Dispomos de uma localização geográfica estratégica, estamos próximos de Lisboa e de Espanha, temos é de continuar a bater-nos por novas acessibilidade, como foi o caso da linha ferroviária, já em construção, que chega a Évora e depois segue para Espanha. Outra área que nos batemos muito e finalmente conseguimos, o que também mostra a centralidade de Évora e a sua importância a região, é a construção do novo Hospital Central do Alentejo.

### **Depois de décadas de reivindicações...**

Foi uma grande luta e a convergência de esforços de muitos. Mas a obra está em bom andamento. Ainda há alguns problemas de financiamento que sei que a ARS e o Ministério da Saúde estão a procurar resolver.

### **Como está o Plano Local de Habitação?**

Fomos das primeiras câmara do país a elaborar uma Estratégia Local de Habitação e das primeiras a assinar com o IHRU um contrato no valor de 63 milhões de euros que prevê a construção, até 2026, de mais de 200 habitações a reabilitação de mais 240, para além do apoio a proprietários privados para a requalificação e o arrendamento. Está previsto também a requalificação de casas da empresa municipal Habévora, que responde muito às questões de ordem social, situação que vai ser alargada a outras valências habitacionais.

### **Existem muitas casas devolutas, é uma preocupação do município?**

Temos um conjunto de edifícios privados e públicos, estes últimos esquecidos pelo Estado. Fizemos já chegar ao Governo que se nos entregarem essas casas estamos disponíveis para as reabilitar e usar para habitação.

### **Como são as relações com a administração central?**

Nós temos uma excelente relação, mas não falamos em subserviência, claro.

### **Não é um autarca que se queixa de forma recorrente?**

Nada disso. O que fazemos em Évora é criticar o que pensamos que deve ser criticado e propomos soluções para resolver esses assuntos.

Não abdicamos de procurar soluções para os problemas do concelho com toda a firmeza mas, simultaneamente, temos relações concretas de colaboração para poder minimizar os problemas. E outras em que não chegamos mesmo a acordo.

### **Quer dar um exemplo?**

A questão da água, por exemplo, e mais recentemente a transferência de competências...

### **Que problemas identifica no concelho que mais o preocupam?**

A pobreza, que é um problema estrutural do país, que também se sente aqui. E este drama só se resolve com políticas de redistribuição de rendimento, planeamento e valorização do trabalho e dos salários, da valorização das prestações sociais. Tem-se avançado, mas ainda falta muito por fazer. O papel dos municípios é procurar minimizar os efeitos junto da população, mas não têm capacidade para os resolver.

### **Agora tem a braços Évora Capital Europeia da Cultura 2027, como está o processo?**

Uma nota prévia sobre esse assunto. Évora e a região já estão a ganhar apenas por termos chegado à vitória da candidatura. E porquê? Porque criámos uma comissão executiva com sete ou oito instituições da região: A câmara, a Universidade de Évora, a CCDR, a CIMAC, que junta os 14 municípios do Alentejo Central, a Entidade Regional de Turismo, a Fundação Eugénio de Almeida, e a Agência Regional de Promoção Turística do Alentejo. Foi um feito muito significativo pôr estas instituições a trabalhar em conjunto com o objetivo de conseguir algo para o Alentejo.

Depois, naturalmente, porque fixamos a nossa candidatura na identidade do Alentejo, de tal forma que esta candidatura não podia ser feita noutro sítio qualquer, ela só podia nascer no Alentejo e só podia ser aplicada no Alentejo. Outras anteriores, podiam ser realizadas em qualquer lugar do país, esta não. E isso marca uma grande diferença, com este conceito de Vagar, contra esta sociedade de andar a correr. Esta marca enaltece o ter tempo para conversar, para conviver, para as famílias, para a amizade, para a relação com a natureza, alicerçada na noção do tempo e do espaço.

### **Na sua perspetiva foi esse o trunfo?**

Acho que o júri percebeu a proposta e o seu alcance europeu. E percebeu que tínhamos uma candidatura genuína, que propunha romper um pouco do que têm sido as anteriores edições. Até nos orçamentos. Houve cidades que apresentaram orçamentos muito maiores que o nosso.



### **Deixar uma Évora a crescer e mais forte no futuro**

Carlos Pinto de Sá não se diz preocupado com a imagem que deixará após este ciclo político. "Não tenho nenhuma pretensão nesse sentido, apenas acho importante o contributo que possamos dar para que Évora cresça e se fortaleça no futuro". Mas adianta que a Capital Europeia da Cultura "ficará marcada na história". E, sobretudo, deixar algum legado estratégico, apontando o problema da água como um dos maiores desafios: "O Alentejo vai perder água nos próximos anos, Aliás, nas próximas três décadas pode perder mais de 30% da água que possui, é preciso começar a estudar e a antecipar soluções".

### Mas como está o andamento do projeto?

Estamos a cumprir aquilo que estava previsto para este ano. Ou seja, vamos constituir uma estrutura de governação de cultura, baseada naquelas entidades que referi, eventualmente aberta a algumas outras. A ideia principal reside num processo de desenvolvimento que tem a cultura no centro, mas que se liga a outras áreas, como a economia, ambiente, setor social, formação, ciência e investigação. Não estamos fechados na bolha da cultura, e queremos a participação das pessoas, que venham até nós, com propostas e projetos a incluir no formato e na programação.

### Essa estrutura de governação está para quando?

Deve ficar definida até ao final do ano. Nós queremos, inclusivamente, que seja antecipada. Estamos a ver com o Governo a criação de uma iniciativa jurídica para a possibilidade de se avançar com uma estrutura específica para a gestão da Capital Europeia de Cultura.

### Para agilizar os procedimentos?

Exatamente. Porque as estruturas jurídicas que temos em Portugal não se adequam a este tipo de situação. Até por isso no Porto, Lisboa e Guimarães, que foram capitais europeias da cultura, foram criadas estruturas próprias.

### Nunca será uma fundação ou coisa do género?

Não. Fundação está fora de questão, porque a Lei das Fundações coloca limitações muito significativas à participação dos municípios e de outras instituições. Portanto, se calhar uma associação ou uma estrutura que definirmos com o Governo, onde estas entidades possam participar e manter a orientação estratégica. Depois, naturalmente, é por de pé projetos, não apenas aqueles que são efémeros, que tem muito a ver com os espetáculos, mas sobretudo aqueles que vão deixar um legado para Évora e para o Alentejo.

### Que exemplos consegue dar?

Queremos construir um pavilhão multiusos. Em Évora, com a centralidade que temos para Lisboa, temos grande procura de congressos, de encontros e não temos um espaço com dimensão suficiente.

### Câmaras não podem ficar com os problemas que são responsabilidade do Estado central

Preocupado com o despovoamento do Alentejo, o edil de Évora preconiza políticas centrais que ajudem o esforço que muitos municípios têm vindo a desenvolver no sentido de fixar população, nomeadamente jovens. "Não é passando os problemas para as câmaras municipais, retirando-os da

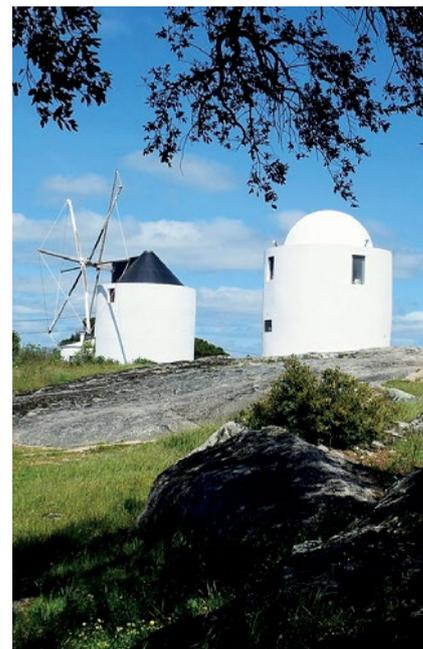
administração central, que as coisas se resolvem", lembra Carlos Pinto de Sá, aludindo também à contínua e progressiva transferência de competências para a administração local. "Vejo como consequência, a prazo, uma cada vez maior litoralização do país, e isso não é um avanço é um retrocesso".

### É agora hora para agarrar essa oportunidade?

Sim, temos oportunidade para isso. Temos, por exemplo, a expectativa de criar aqui um Centro Nacional de Dança Contemporânea, portanto um projeto nacional que fica sediado em Évora. Também sediar aqui um Centro de Música Polifónica, porque a Sé de Évora tem essas condições e tem uma escola do Renascimento que marcou a Europa. E posso dar-lhe mais um exemplo, temos um projeto de escultores de toda a Europa para fazerem peças escultóricas de ar livre que possam produzir energia e possam ser utilizadas no espaço público. Vamos ver se funciona ou não, é uma ideia inovadora, que queremos por em prática.

### Está preocupado que o tempo comece a escassear ou não há razão para alarme?

O tempo é sempre pouco. E as experiências que temos tido nas anteriores edições chamam-nos à atenção para nos precavermos. Recordo, por exemplo, que a Casa da Música, no Porto, esteve projetada para a Capital Europeia da Cultura do Porto, e foi inaugurada, salvo erro, quatro ou cinco anos depois. Por isso temos que pôr as barbas de molho em relação a isso. E temos que ter atenção aos processos de contratação pública, porque se tiverem que obedecer a todos os trâmites a que estamos habituados, e não houver aqui alguma capacidade para pudermos agilizar alguns destes processos, pode haver derrapagens.



### Está cauteloso, mas otimista, neste projeto que certamente marcará Évora?

O que não tenho dúvidas é que vai deixar um legado em Évora e em todo o Alentejo para o futuro, como aconteceu com a classificação de Évora enquanto Património da Humanidade. Marcar para o futuro porque, no imediato, o conceito Vagar já está a ser procurado, porque já temos estudantes universitários da Europa a contactar-nos com curiosidade de saber do que se trata e também algumas propostas de estudos. Diria mesmo que o interesse em relação a Évora está a crescer neste sentido, a partir da candidatura. ■



# Sobre o paraíso

JOSÉ ANTÓNIO CONTRADANÇAS  
ECONOMISTA E GESTOR

O artigo e o poema coincidem no título, como que reforçando um tema que sendo recorrente e agradável, está impregnado de religiosidade e porque não (?) num nível mais elevado e sobrenatural, cabendo na dita espiritualidade.

Se não me falha a perceção, não há religião que não ofereça essa ideia de um paraíso prometido. Um lugar de eleição para os bem-comportados, que devem cumprir uma certa conduta e ter certos procedimentos. Para os crentes a recompensa virá, para os mais céticos é difícil de admitir e “é coisa que não cabe em seu juízo.”

Mesmo para quem não se preocupa com incursões desta natureza, vulgarmente se revela a procura do paraíso. Um paraíso que sendo um lugar idílico na terra se pode resumir a “uma paz sentida sem sentido” que “acalma o olhar”, sem exigir coordenadas terrestres, apenas reservando “amor no coração onde pousar”. E que melhor tradução se poderá encontrar senão a de um “corpo entregue ao universo”, num desprendimento que lhe permite o despontar de um sorriso.

O resto é coisa de poeta no simbolismo do encantamento pelo verso. E de que este mundo de maldade e guerra, possa um dia encontrar a paz indiciadora desse paraíso prometido. SemMais! ■



## SOBRE O PARAÍSO

Sempre essa razão de existir  
Lugar a que chamam paraíso  
Foi questão sem resposta a admitir  
Que é coisa que não cabe em seu juízo.

Se for paz sentida sem sentido,  
Um ponto em que se acalma o nosso olhar,  
Talvez sem lugar se ande perdido,  
Ter amor no coração onde pousar.

Todo o corpo entregue ao universo,  
Um sorriso no rosto a despontar  
Pode até o paraíso ser um verso  
De cada letra se fazer o seu lugar.

*(inédito)*

CAPITAL CHINÊS DE CERCA DE 25 MILHÕES 'ATERRA' EM SINES

# Mais empresas, menos poluição

O concelho continua a atrair novos investidores e indústrias. Agora é a vez de se instalar um dos maiores fabricantes mundiais de baterias de lítio. A aposta na descarbonização é real e uma escola superior vai ajudar a qualificar mão-de-obra.

TEXTO JOSÉ BENTO AMARO | FOTOGRAFIA DR



Sines é, a cada dia que passa, o maior polo empregador do Alentejo. É, também, uma cidade cuja indústria se encontra em transformação, sendo cada vez mais as empresas que se pretendem instalar e que apostam na descarbonização e na modernização. Os recentes anúncios de construção de uma fábrica de baterias de lítio para automóveis elétricos e de um centro de dados, que será dos maiores da Europa, correspondem aos anseios autárquicos de ver o concelho cimentar-se a nível mundial.

A instalação da China Aviation Lithium Battery (CALB) é apenas um dos muitos passos que o município tem vindo a dar no sentido de aumentar o parque industrial. O processo de licenciamento deste investimento, na ordem dos 25 milhões de euros, está na fase final. Caso não surjam contratempos na vertente ambiental, a nova unidade irá instalar-se na Zona Industrial e Logística de Sines (ZILS), vindo a ocupar uma área na ordem dos 100 hectares de terreno.

Os dois anos e meio que se seguem serão gastos na construção da fábrica que, de acordo com os promotores, irá recorrer a “tecnologia que visa a proteção do ambiente e a cumprimento da legislação ambiental aplicável, tendo igualmente em vista a criação de uma unidade industrial de operação de baixo carbono”. Uma certificação Leed/Breem garante o recurso “a fontes de energia renováveis”, bem como o reaproveitamento de águas e a reciclagem de resíduos.

Ainda de acordo com a CALB, o acordo já celebrado com a aicep Global Parques faz referência à “montagem de uma fábrica de ponta mundial, altamente inteligente, informatizada e automatizada, com zero emissões de carbono”.

O investimento da empresa chinesa, que há dois anos foi a terceira daquele país em número de baterias para automóveis fabricadas e que



atualmente ocupa a sexta posição mundial na produção dos mesmos equipamentos, é de 25 milhões de euros e representa, numa primeira fase, a criação de meia centena de postos de trabalho diretos.

Numa curta declaração à Sem-mais, o presidente da Câmara Municipal de Sines, Nuno Mascarenhas, confirmou que o projeto da empresa chinesa já foi reconhecido como de Potencial Interesse Nacional (PIN).

“A vaga de novos investimentos que têm sido anunciados para Sines têm dois aspetos importantes: Por um lado, investimentos como o da Repsol ou da GALP, visam a descarbonização de indústrias já existentes, a sua modernização e a maior circularidade, o que significa que a nossa indústria se está a modernizar e a acompanhar os tempos. Por outro lado, a base do complexo industrial, portuário e logístico de Sines está a diversificar-se, quer no domínio das energias, quer com a chegada de novas indústrias, como é o caso da CALB, mas sobretudo da Start Campus, que tem em construção um dos maiores centros de dados do Sul da Europa”, adiantou o autarca.





### Um dos maiores centros de dados em marcha

Este complexo tecnológico já está em construção, devendo ocupar uma área de nove hectares. Fica localizado numa faixa de terreno junto à desativada central a carvão de São Torpes e corresponde a um investimento na ordem dos 3,5 milhões de euros. Prevê-se que ao todo sejam construídos nove edifícios, sendo que o primeiro a ficar concluído deverá começar a operar ainda este ano, previsivelmente em outubro. A primeira fase deste projeto contempla ainda a entrada em funcionamento de mais alguns blocos até final do ano, sendo que os restantes cinco edifícios serão construídos entre 2024 e 2028.

O administrador jurídico da Start Campus, Rui Oliveira Neves, confirmou, por outro lado, que a construção de um empreendimento desta monta acaba por ser muito importante para a região, uma vez que se prevê que 80 por cento da mão-de-obra seja proveniente dos concelhos de Sines e Santiago do Cacém.

A chegada de novas empresas e a utilização de novas tecnologias faz com que o concelho de Sines e os seus responsáveis industriais estejam já a desenvolver esforços para atrair mão-de-obra qualificada e jovem. Isso mesmo confirmou Nuno Mascarenhas, revelando que está a ser aumentada a capacidade de qualificação.

“Todo este movimento de chegada de novos investimentos traz novas exigências ao território. Desde logo a necessidade de atrair mais jovens e quadros mais qualificados. Por isso assumimos desde logo um compromisso com o Instituto Politécnico de Setúbal para a instalação de uma escola superior em Sines, que tenha a capacidade de qualificar pessoas nas áreas que mais se estão a desenvolver neste momento”, explicou o presidente da câmara.

Nuno Mascarenhas considera ainda que este conjunto de novos investimentos têm um “enorme impacto regional, consolidando Sines como a principal bacia de emprego do Litoral Alentejano”. “A centralidade de Sines, hoje, não é apenas uma centralidade nacional. Sines entrou nas rotas mundiais mais relevantes, quer do ponto de vista portuário e industrial, mas também no que se refere à transição digital e de dados”, disse.

Sendo impossível de quantificar o impacto económico que a chegada de empresas representa, o autarca refere, no entanto, que o mesmo será sempre deveras significativo, uma vez que se traduz também em novos residentes e, sobretudo, “numa maior pluralidade de negócios locais que, necessariamente, contribuirão para o funcionamento do ecossistema portuário, industrial e logístico que está em franco desenvolvimento”. ■

### Investimentos de 17 mil milhões

A importância crescente de Sines mede-se, também, através da grandeza dos investimentos projetados. Há um ano o CEO da aicep Global Parques, Filipe Costa, salientou que o montante total dos mesmos ascendia a 17 mil milhões de euros. Um dos principais vetores de investimento então relevado foi o hub energético que inclui refinação, petroquímica, química, indústria circular descarbonizada, novos projetos de produção de amónia e hidrogénio verde. Este conjunto, de acordo com Filipe Costa, representava então a aplicação de 12.679 milhões de euros.



DIGITAL

**sem  
mais**

TUDO EM

**semmais.pt**

 /jornalsemmais

 /semmaisedicaooalentejo



**24 HORAS POR DIA**  
**Informação segura**  
**e confirmada.**



44

MAIS DE 600 MILHÕES ALINHAM CORREDOR INTERNACIONAL DO SUL

## Comboio 'rasga' região

No próximo ano os comboios de mercadorias passam a ter uma ligação direta entre Sines e Badajoz. Aumenta a carga, diminui o tempo de viagem e minimizam-se os problemas ambientais. O Corredor Internacional do Sul tem um custo estimado de 650 milhões.

TEXTO JOSÉ BENTO AMARO | FOTOGRAFIA DR



O maior projeto ferroviário de Portugal desenvolvido nos últimos 100 anos está a nascer no Alentejo. Ligará Sines e o seu porto marítimo à Europa, via Badajoz. É uma obra de cerca de 170 quilómetros na totalidade das suas variantes e que deverá estar operacional já a partir do próximo ano. São 650 milhões de euros investidos num trabalho de modernização e inovação, mas também uma aposta na valorização do interior, que passará a contar com um conjunto de novas infraestruturas capazes de atrair mais população e criar novos empregos.

Numa primeira fase o Corredor Internacional Sul, que consiste numa via única eletrificada, irá beneficiar apenas o transporte de mercadorias. É, acima de tudo, uma mais valia acrescentada ao porto de Sines, o único de águas profundas existente no país, e que irá melhorar substancialmente a capacidade dos negócios efetuados a partir daquela cidade costeira. No futuro, no entanto, a estrutura que agora se encontra em construção, pode ser adaptada e aumentada, transformando-se na ansiada primeira linha de alta velocidade (TGV) do país.

O deputado do Partido Socialista eleito pela círculo eleitoral de Évora, Capoulas Santos, é perentório: “Não tenho dúvidas que esta ligação entre Sines e o Caia (Elvas) é o primeiro troço do TGV em Portugal. Depois desta obra ficar concluída, o passo lógico seguinte será efetuar a ligação a Lisboa, o que espero que aconteça dentro de poucos anos”, disse à Semmais.

“Nesta primeira fase é evidente que a vertente económica é fundamental. Irá ter grande impacto no portos de Sines, mas também de Setúbal e de Lisboa. O escoamento de mercadorias irá processar-se a um nível superior e com ganhos resultantes de outras despesas que deixarão de existir ou de se fazerem sentir tão acentuadamente. Falo, mais concretamente, dos benefícios ambientais e da redução de custos resultantes da degradação das rodovias”, explicou ainda o deputado.

Capoulas Santos dá especial destaque à tentativa de diminuir drasticamente a circulação de veículos nas estradas portuguesas: “Haverá muito menos poluição, uma vez que o comboio de camiões será substancialmente reduzido e, ao mesmo tempo, criam-se condições para que se abram novas oportunidades em diversas localidades do Alentejo. Falo, por exemplo, das plataformas logísticas, como a que está prevista para as imediações do Alandroal, que passam a ser novas unidades ativas na ligação e distribuição a outras zonas do país”.



## Mais de meia centena de comboios por dia

O Corredor Internacional Sul representa, portanto, uma oportunidade para aumentar o volume do transporte de mercadorias. De acordo com o que foi divulgado pela Infraestruturas de Portugal, a partir do momento em que a obra esteja concluída o número de comboios diários que irão circular entre o porto de Sines e Espanha passa de 36 para 51.

A este aumento da circulação de composições há ainda que juntar o crescimento do número de vagões que constituem cada uma delas. Assim, os comboios passarão a ter uma extensão de 750 metros contra os 400 dos que agora circulam. “Este aumento das composições significa também que muitos cais terão de ser aumentados. Serão construídas estações técnicas que irão permitir o cruzamento de comboios com muito maior capacidade. Muitas localidades vão lucrar com este desenvolvimento ferroviário. Existirão mais postos de trabalho diretos e indiretos e, em consequência, sobem as hipóteses de fixação de população a atração de novos trabalhadores”, salientou Capoulas Santos.

A Infraestruturas de Portugal refere, por sua vez, que também o tempo de viagem das mercadorias pela ferrovia irá diminuir significativamente. A ligação Sines/Caia será encurtada em três horas e meia.

Esta diminuição dos tempos de viagem, aliada ao aumento da carga transportada, é suscetível de reduzir para metade os atuais custos, dizem os peritos que elaboraram os dados técnicos do empreendimento.

A nova ligação a Espanha, conforme refere Capoulas Santos, irá ainda possibilitar que outras ligações ferroviárias existentes no Alentejo possam ganhar novas funcionalidades e,



eventualmente, mais passageiros. É que a par do Corredor Internacional Sul, que será totalmente eletrificado e não terá passagens de nível, serão requalificadas as ligações existentes em Sines, as que conduzem mais a Sul do Alentejo, mas também a Linha do Leste e as conexões a Évora e a Vendas Novas.

Dando um exemplo sobre o que este investimento agora pode acarretar para as vias férreas vizinhas, o deputado refere que, “mesmo sem saber qual o grau de prioridade que o Governo tem para a Linha do Leste (a segunda mais antiga via férrea do país e que se inicia no Entroncamento e termina em Badajoz), é um facto que sei da intenção de modernizar essa via. Sei que existe um esforço de conservação e que, na sequência dos estudos que estão a ser efetuados, e que entre outras variantes incluem o número potencial de passageiros, serão tomadas decisões”. ■





### Obra em números

A Infraestruturas de Portugal já divulgou alguns pormenores sobre o Corredor Internacional Sul. Esses valores revelam a dimensão da obra, a saber:

Estão a ser utilizados **1.400** trabalhadores no empreendimento

Prevê-se que sejam utilizadas **38.000** toneladas de aço e **350.000** metros cúbicos de betão

A nova via, que não tem passagens de nível, contempla **29** pontes e viadutos

Estima-se que nos trabalhos sejam gastas **três milhões** de horas

A ligação entre Sines e Espanha, depois de concluída a nova via férrea, ficará encurtada em **140** quilómetros

A ligação entre Sines e Badajoz sofre uma redução de **três** horas e meia

Vão circular **51** comboios diariamente contra os **36** atuais

Cada comboio atingirá os **750** metros, contra os atuais **400**

O troço novo, entre Évora e Elvas, tem **80** quilómetros de extensão. Tem um custo de **101,2 milhões** de euros, dos quais **67,3** serão comparticipados por fundos comunitários

Será renovada a Linha do Alentejo entre Bombel e Casa Branca (**37,4** quilómetros)

Será renovada a Linha de Vendas Novas, entre esta cidade e Vidigal, numa extensão de **3,1** quilómetros

As plataformas de passageiros de Vendas Novas, Gadanha e Casa Branca serão melhoradas

O Corredor Internacional do Sul irá permitir velocidades entre os **190** e os **200** km/hora

A variante de Alcácer do Sal custa **120,5 milhões** de euros, sendo **90,4** de fundos europeus



**ambital**

INVESTIMENTOS AMBIENTAIS NO ALENTEJO, EIM

#### SABIA QUE...

1 tonelada de papel reciclado evita a emissão de **2,5 toneladas de dióxido de carbono para a atmosfera?**



caixas de cartão, revistas e jornais, papel de escrita e impressão

[www.ambital.pt](http://www.ambital.pt)



PROTEJA O PLANETA

SEPARE OS SEUS RESÍDUOS



RESTAURANTE PREMIADO CONQUISTA PALATO DE TURISTAS E FREGUESES

# Sobre Rodas percorre Odemira

Tem sala de refeições, balcão, cozinha, duas esplanadas e casa-de-banho. É um antigo autocarro transformado em restaurante que agora anima as freguesias, do interior ao litoral. A ideia premiada é de uma mãe e filha que quiseram inovar com qualidade.

TEXTO JOSÉ BENTO AMARO | FOTOGRAFIA DR

48





Se alguém lhe falar num restaurante com rodas, a primeira ideia que lhe surge é a de um roulote onde se servem imperiais, bifanas e couratos. Não, esse não é o conceito do Restaurante Sobre Rodas. Trata-se, em boa verdade, de um estabelecimento onde se pode comer sentado no interior, na esplanada no tejadilho ou numa segunda que se instala junto ao veículo. É um autocarro que anda a fazer furor pelas freguesias do concelho de Odemira. Uma novidade que atrai clientes e que resultou de um concurso promovido pela autarquia destinada a promover o empreendedorismo.

Tatiana Farias é a dona do projeto. “Tive conhecimento do concurso da câmara e, como a minha mãe já trabalhava na restauração há cerca de 25 anos, embora por conta de outros, também se mostrou interessada em trabalhar por conta própria, resolvi avançar. A princípio, lá em casa, a coisa foi vista quase como uma brincadeira. Mas a verdade é que o nosso projeto foi muito bem aceite e... ganhámos”, contou à Semmais.

A ideia de existir no concelho um autocarro a circular de terra em terra, desde o interior ao litoral, vendendo almoços, jantares e petiscos foi de tal modo bem aceite que, num ápice, Tatiana Farias e a mãe,

Ana Paula, se viram na obrigação de começarem a procurar a viatura ideal. “Comprámos, na Holanda, em segunda mão um antigo autocarro escolar, mas foi numa empresa da Marinha Grande que foram feitas todas as transformações necessárias. A princípio ainda pensámos que tínhamos condições para as realizar, mas depressa compreendemos que os trabalhos tinham de ser feitos por pessoas especializadas”, explicou a jovem empresária.

Foi assim que, no passado verão, o antigo autocarro escolar holandês, com 12 metros de comprimento e dois de largura, se apresentou no concelho de Odemira. Totalmente remodelado, com uma sala de refeições onde se podem sentar 14 a 16 clientes. “Temos também, numa área com cerca de seis metros, uma cozinha, um espaço para arrumação, três frigoríficos e um balcão. É ali que diariamente são confecionadas todas as refeições e os petiscos. Depois, no tejadilho, temos uma esplanada para mais oito pessoas e, por fim, cá fora, ainda montamos uma segunda esplanada com mais 14 lugares. Também temos casa-de-banho e, claro, a cabina onde se conduz a viatura”, referiu Tatiana, acrescentando que a entrada dos clientes se processa pela porta existente a meio da viatura.

## Freguesias aguardam chegada do restaurante

A estreia do Restaurante Sobre Rodas aconteceu em São Luís, povoação do interior do concelho. A ideia, conforme explicaram as proprietárias, era levar uma nova valência aos locais menos conhecidos e mais isolados.

“Abrimos em junho de 2022, com cerca de um ano de atraso em relação ao que tínhamos previsto. Primeiro houve todos os problemas relacionados com a pandemia de Covid, depois vieram os resultantes da guerra na Ucrânia. Tudo isso fez com que os trabalhos não corressem ao ritmo desejado”, explicou Tatiana.

Por fim, no passado verão, lá aconteceu a estreia. Uma estreia que correu muito bem, com a população local, mas também com pessoas vindas de outras localidades a lotarem diariamente o espaço. “No verão temos diariamente cinco ou até seis pessoas a trabalhar. Quando está mais frio há menos gente. Temos duas pessoas, uma na cozinha e outra na sala durante a semana. Aos sábados e domingos reforçamos a equipa com um terceiro empregado”, disse ainda Tatiana Farias.

Se a ideia inicial passava, sobretudo, por servir petiscos - “queríamos e queremos valorizar os produtos alentejanos, vendendo queijos, açordas, moelas, ovos rotos ou até as tiras de choco” - cedo houve necessidade de alterar os planos. “Havia muita procura. Vinham pessoas, nacionais e estrangeiros, de vários locais, e foi decidido avançarmos também para as refeições. Até porque os petiscos são mais uma coisa para se consumir durante a tarde, depois das pessoas saírem do trabalho. Era necessário satisfazer a procura daqueles que tentavam almoçar”, partilhou ainda a jovem.





Atualmente, depois de passagens por Santa Clara (quase três meses durante o verão), São Luís, Odemira e São Teotónio, o Restaurante Sobre Rodas encontra-se estacionado na Zambujeira do Mar. A adesão, dizem as proprietárias, continua a ser muito boa, havendo um fluxo permanente de clientes desde a hora a que abrem, às 11h00, até ao fecho, pelas 21h00: “Servimos diariamente dois pratos do dia, um de carne e outro de peixe. Isso também ajuda a chamar diariamente a clientela. Para além dos almoços e jantares (cada refeição custa nove euros), mantemos o interesse dos jovens, que a meio da tarde e à noite nos procuram para consumirem os diversos petiscos”.

51

O abastecimento da cozinha, diz a cozinheira Ana Paula, é feito diariamente. A importância de venderem produtos frescos é determinante para o sucesso do negócio. Sucesso esse que, refere, faz com que os serviços do singular restaurante comecem a ser solicitados nas diversas localidades. “Por norma tentamos ficar três semanas em cada local. Somos uma espécie de companhia e vizinhança que se apresenta em cada terra. Agora, com as pessoas satisfeitas, já nos perguntam quando é que vamos à terra delas. É um sinal de reconhecimento. Apresentamos um serviço diferente. Somos um autêntico restaurante e não apenas um local onde alguém fica de pé a comer uma bifana e a beber uma cerveja”, disse Tatiana, explicando também que como nem ela nem a mãe têm carta de condução de pesados é necessário, a cada mudança de local, contratar os préstimos de um motorista profissional. ■



local

ELVAS TAMBÉM CRESCEU PELAS MÃOS DOS JUDEUS

# Cidade raiana guardiã da História

O turismo religioso, nomeadamente o associado ao judaísmo, está a crescer na cidade alentejana, que ainda guarda memórias de duas judiarias.

TEXTO JOSÉ BENTO AMARO | FOTOGRAFIA DR





Com o aumento da comunidade, em meados do século XIV foi necessária a criação de uma nova judiaria: a Judiaria Nova, mais perto do castelo e que se alongou ainda para a Praça Nova, a Rua da feira e Rua Carreira dos Cavalos.

Também na localidade vizinha de Vila Boim existiu uma terceira judiaria. A instalação de judeus na zona fronteira acabou por se revelar fundamental para o desenvolvimento económico de toda a região. Algumas das figuras mais emblemáticas acabaram mesmo por ver a sua atividade reconhecida pela Coroa. É o caso, por exemplo, de Mestre Abraão, que em 1438, por carta de mercê de D. Afonso V, é nomeado responsável dos judeus da cidade.

A mais conhecida das sinagogas de Elvas situa-se na Rua dos Açougues num edifício que foi adaptado pela autarquia a açougue público no início do século XV. Diz-se que o templo terá sido convertido em matadouro de animais para afrontar os judeus locais. Trata-se possivelmente da maior sinagoga medieval existente em todo o país. Na cidade ficaram diversos outros vestígios judaicos. É o caso das marcas cruciformes, símbolos de cristianização de possíveis moradas de judeus/cristãos-novos.

### Milhares de décadas para conhecer

Cidade Património Mundial, Elvas é um livro de História, que atravessa diversas eras e guarda vestígios de diferentes épocas e povos. As fortificações abaluartadas valeram-lhe a classificação da UNESCO, mas ainda assim os fortes e fortins estão longe de serem os únicos vestígios arquitetónicos existentes. Uma visita à cidade tem sempre como locais obrigatórios de passagem o centro histórico e a judiaria, para além da Torre Fernandina (século XIV) e do Centro Interpretativo do Património, instalado nas antigas casernas do Regimento de Infantaria. O antigo hospital da cidade, que acolhe o Museu de Arte Contemporânea, e a antiga Sé Catedral são dois outros locais fundamentais. O património arqueológico é vasto e vai desde o Calcolítico até à Idade do Ferro. Marcante é também a herança romana.





### No século XVI um quarto da população são judeus

No século XVI Elvas é já a quinta cidade mais populosa de Portugal, sendo que cerca de um quarto dos seus residentes são judeus. A sua importância no desenvolvimento comercial do país faz-se sentir também na obra feita nos novos territórios, nomeadamente no Brasil.

É de Elvas que são originárias as famílias cristãs-novas Botafogo, que criaram o Bairro de Botafogo, no Rio de Janeiro. Também são provenientes da cidade alentejana os Fernandes, detentoras do monopólio do açúcar na Madeira e do tráfico de escravos na Guiné.

Falando da importância da herança judaica, o presidente da câmara municipal, José Rondão Almeida, salienta a criação da Casa da História Judaica de Elvas, um antigo edifício que funcionou como açougue público e municipal desde o século XV e que no final do século XIX servia de armazém. “É um verdadeiro centro interpretativo da história da comunidade judaica e cristã-nova da cidade”, disse à nossa revista.

Rondão Almeida referiu também o esforço desenvolvido para recriar o espaço religioso judaico,

utilizando-se para tal um edifício medieval. “Pretendeu-se conjugar a valorização histórica e patrimonial com a promoção turística, ação que ajudará igualmente a descobrir uma forte componente da identidade portuguesa e peninsular”, explicou o autarca.

“A ideia é valorizar e relacionar tanto o património tangível como o intangível das comunidades judaicas que partilharam a sua cultura ao longo dos séculos nesta região e, assim, potenciar e aproveitar mais um edifício de grande carga histórica e monumental para incrementar o turismo e a economia local, um primeiro passo para a alavancagem do turismo judaico nesta cidade e nesta região”, referiu ainda o autarca.

A demanda dos judeus em busca das suas raízes tem-se intensificado nas últimas décadas e Elvas não foge ao crescente interesse. É, de resto, juntamente com Castelo de Vide, também no distrito de Portalegre, uma das localidades mais procuradas, havendo registo do crescente interesse de turistas oriundos de Israel, mas também dos Estados Unidos da América ou do Brasil. ■



56

CIDADE PATRIMÓNIO MUNDIAL E CAPITAL IBÉRICA DO BADMINTON

## Portugueses e espanhóis fintam-se em Évora

Durante dois dias 274 atletas disputaram na cidade um torneio que, mesmo sem contar para as tabelas desportivas oficiais, consegue reunir mais praticantes do que alguns campeonatos nacionais.

Evento promove desporto, cultura e turismo.

TEXTO JOSÉ BENTO AMARO | FOTOGRAFIA DR

“Évora, Capital Ibérica do Badminton”. Numa primeira leitura a frase até pode não fazer grande sentido para um elevado número de pessoas. Depois, analisando o contexto, descobre-se que a cidade reúne, afinal, atrativos e argumentos suficientes para justificar o título. Assim se compreende, por exemplo, que no mesmo fim-de-semana em que a federação portuguesa da modalidade marcou a disputa de dois campeonatos nacionais, a maior parte dos jogadores tenha optado por ir competir em Évora.

O Clube Badminton de Évora tem apenas 20 atletas inscritos. Isso não impede, no entanto, que a modalidade, quase sem expressão nas terras do interior do país, tenha ali um foco de promoção já credenciado. “Organizamos o Torneio Luso/Espanhol de Badminton há muitos anos. Já vamos na 16ª edição e desta vez, nos dias 8 e 9 de julho, trouxemos à nossa cidade 274 atletas portugueses e espanhóis. Assumimos o risco de realizar este torneio nas mesmas datas em que a federação marcou os nacionais de sub-21 e de veteranos e, pelo vistos, as nossas provas tiveram muito maior adesão”, disse à Semmais a presidente do clube eborense, Maria José Gomes.

Jogadores em representação de todas as zonas do país, incluindo, pela primeira vez, da Madeira e dos Açores, e também da Andaluzia, Extremadura e Madrid, participaram num evento que terá custado ao clube organizador cerca de 10.000 euros. “Os atletas pagaram as suas inscrições e depois também tivemos o auxílio de diversas juntas de freguesia e da câmara municipal. Até tivemos jovens jogadores a dormirem, em sacos-cama, nas instalações da piscina municipal”, contou a dirigente.

Maria José Gomes, antiga praticante e internacional de badminton, salienta também o facto de o evento realizado ser cada vez mais uma iniciativa inclusiva. “Queremos, com estes torneios, que o badminton seja uma festa para todos. Este ano conseguimos até organizar um torneio que contou com a participação de três atletas com limitações físicas. Dois deles são do nosso clube. É, pois, um motivo de orgulho podermos contribuir assim para uma modalidade que é quase desconhecida em Portugal, mas que tem grande expressão na China, no Japão, na Indonésia, nos países do Norte da Europa ou em Inglaterra”, adiantou.



### Inexistência de pavilhão condiciona modalidade

Avaliar a dimensão do evento desportivo promovido pelo Clube Badminton de Évora é, também, ficar a saber que a cidade, a maior e mais populosa do Alentejo, nem sequer possui um pavilhão municipal.

“O nosso clube não tem instalações próprias. Esta é uma modalidade que não pode ser jogada ao ar livre e que, por isso, necessita de um espaço coberto. Em Évora temos de nos sujeitar à distribuição dos diversos clubes pelos pavilhões escolares existentes. É a câmara que faz essa distribuição. A nós cabe-nos treinar duas vezes por semana, às terças e quintas-feiras, a partir das 21h00”, partilhou a antiga praticante.

Para Maria José Gomes a falta de instalações próprias e o facto de os treinos terem de ser efetuados à noite, é motivo mais do que suficiente para que muitos jovens não se iniciem na modalidade: “Fazemos ações de promoção nas escolas, mas a verdade é que com treinos à noite, muitos pais não querem que os filhos vão aos treinos, sobretudo em período de aulas”.

Os condicionalismos descritos são, na opinião da dirigente, mais uma razão para elogiar o que se tem feito na cidade em prol da modalidade. “A pandemia fez com que tivesse havido um travão e até uma regressão na promoção do badminton. Para a organização deste torneio começamos a trabalhar nove meses antes.

Num ano antes de 2019 chegámos a ter um torneio com mais de 350 atletas inscritos em representação de 35 clubes. Agora, mesmo com todas as dificuldades logísticas e financeiras, queremos continuar a atrair mais gente. Bem sabemos que a maior parte das pessoas que assistiram aos jogos, realizados no Pavilhão D. Bosco, dos Salesianos, e no pavilhão da Escola Manuel Ferreira Patrício, na Malagueira, eram familiares dos atletas envolvidos. Aqui em Évora, como em quase todo o Alentejo, só o futebol leva alguns espetadores aos recintos. Mas mantemos a esperança de cativar novos praticantes. Fazemos tudo com profissionalismo e até celebramos seguros para todos os atletas que se inscreveram. Talvez por isso, mesmo sabendo que esta prova não tem efeitos para os rankings desportivos, a maioria dos praticantes não abdica de cá vir”, afirmou Maria José Gomes.





### **Cultura e turismo da cidade também são promovidos**

A presidente do Clube Badminton de Évora entende ainda que qualquer modalidade desportiva serve de promoção para a região onde se realiza e dá o exemplo do Torneio Luso/Espanhol.

“As pessoas vieram de todo o país e de várias regiões de Espanha, como de resto já o fazem há muitos anos. Mas a maior parte não vêm sozinhas. Fazem-se acompanhar por familiares. Trazer à cidade, durante três dias, mais 500 ou 600 pessoas, é muito importante. Há mais dormidas vendidas, os restaurantes e a generalidade do comércio ganham com isso. A cidade é promovida turística e culturalmente. Até já tivemos vários convites para deslocalizarmos o torneio para outros lugares, no-

meadamente para Elvas, mas não o fizemos porque queremos continuar a promover a nossa região”, referiu a dirigente desportiva.

A antiga internacional portuguesa lamenta, por fim, que algumas entidades da região continuem sem prestar o apoio que, em sua opinião, o evento deveria merecer. “É um facto que contamos com o apoio autárquico, mas não compreendo, por exemplo, porque motivo a Entidade Regional de Turismo do Alentejo não patrocina uma iniciativa como esta. Nunca tivemos um estudo que nos demonstrasse com exatidão a relação entre os custos e os benefícios do torneio. Mas cremos que é muito mais o que damos a ganhar do que o que gastamos”, conclui. ■



60

MAIOR FESTIVAL DE MÚSICA DO INTERIOR ATRAI MILHARES DE PESSOAS

## Todos os caminhos vão dar ao Crato

São aguardadas, entre 21 e 27 de agosto cerca de 15 mil pessoas por dia. A edição deste ano já fez esgotar todos os alojamentos num raio de 100 quilómetros. Chamariz da juventude, organização já aponta para 2024, desenvolvendo forte campanha promocional em Espanha.

TEXTO JOSÉ BENTO AMARO | FOTOGRAFIA DR



lufada de ar fresco. Joaquim Diogo diz que se trata “de um investimento municipal que ajuda a manter a vida”. “Temos fortes motivos para continuarmos a apostar neste projeto. É que a cada dia, só provenientes do parque de camping ocasional que montamos, vêm cerca de 2.000 jovens. E não são os oriundos do concelho ou das suas imediações. Pelo que depreendemos, através dos locais onde são vendidos os bilhetes, a maior parte dos jovens que nos visitam são dos distritos de Lisboa, Santarém e Leiria. Esta dispersão territorial prova que o que promovemos tem êxito e resulta”, disse o autarca.

O camping ocasional do Crato é uma aposta de grande dimensão. Há vários anos que a autarquia tomou a iniciativa de criar uma área onde os jovens podem acampar. Trata-se de um espaço com alguns hectares e que está preparado para receber até 2.000 campistas. Ali, próximo do complexo de piscinas municipais, junto ao maior restaurante da vila e a dois passos dos supermercados, é possível passar os cinco dias do festival mais os dois especiais que têm vindo a ser acrescentados ao programa oficial. “Procuramos dar todas as condições. Criamos sombras, temos um sistema preventivo ativo 24 horas por dia. Bombeiros, GNR e equipas médicas, para além de inúmeros técnicos municipais, estão sempre presentes. Acreditamos que, em caso de necessidade, estamos sempre prontos a dar uma resposta eficaz. Essa é uma mais valia que tem vindo, ano após ano, a ser reconhecida e que muito tem contribuído para o crescimento do festival”, referiu Joaquim Diogo.

No Crato, no distrito de Portalegre, repete-se há muitos anos, no verão, um fenómeno que leva à vila, durante pelo menos cinco dias e diariamente, quase o triplo da população que reside no concelho. O festival de música ali realizado é, dizem os especialistas, o maior do Alentejo interior. Este ano, para não variar, haverá nova invasão de juventude.

“Trabalhamos para o concelho e para o Alentejo. É por isso que, anualmente, nos empenhamos em trazer tantos artistas e tanta atratividade. Queremos continuar a divulgar o que temos e, com esse projeto, contribuir para a melhoria das condições económicas dos residentes”, sintetizou à Semmais o presidente da câmara municipal do Crato, Joaquim Diogo.

Numa região do país fortemente marcada pelo envelhecimento populacional, o festival (acompanhado de uma Feira de Artesanato igualmente conceituada) é uma



### Oportunidade única para o comércio local



O presidente da câmara do Crato diz que o principal objetivo do certame não é obter lucros próprios, mas possibilitá-los aos residentes. O autêntico ‘mar de gente’ que anualmente invade a vila e as freguesias constitui um balão financeiro que já ninguém dispensa.

“Acreditamos que por cada euro investido exista um retorno que pode variar entre os três e os cinco”, disse o autarca. Desse modo se justifica o cerca de um milhão de euros investidos. “Naturalmente que não é o município que faz todo esse investimento. Há parceiros que incluem diversas marcas comerciais, bancos e órgãos de comunicação social locais, regionais e nacionais. Existe uma dinâmica comercial muito acentuada”, explicou.

Joaquim Diogo, dando uma ideia da dimensão do Festival do Crato, refere que no concelho, muitos meses antes do início do even-

to, já todos os alojamentos locais estão esgotados. “Há uma verdadeira procura de casas. Nos últimos anos os jovens que não ficam no camping têm procurado casas para alugar na vila e nas restantes freguesias. É uma fonte de rendimento muito importante para a população. É, também, um excelente veículo promocional do concelho. Levar as pessoas de fora às nossas aldeias é contribuir para divulgar um património muito rico, seja em termos ambientais, históricos ou sociais. Para nós, autarcas, é uma satisfação muito difícil de descrever, quando constatamos a satisfação de quem nos visita e, ano após ano, regressa. As pessoas sentem-se bem quando contactam com os nossos habitantes, mas também ficam felizes por poderem desfrutar, em cada localidade, de uma piscina ou de um local onde possam provar a gastronomia. E tudo a preços que, na maior parte dos casos, nada têm a ver com os que são praticados nos grandes centros urbanos”, contou.

O festival não é, contudo, apenas uma fonte de riqueza para o concelho do Crato. Joaquim Diogo diz que “num raio de 100 quilómetros, e com muita antecedência, todos os grandes empreendimentos hoteleiros têm a lotação esgotada para os dias do evento. “É por isso que digo que não trabalhamos só para o concelho, mas também para todo o Alentejo”, reforçou.





### Cartaz para todos os gostos

A diversidade musical é uma imagem de marca do festival do Crato que, mesmo apontando ao público mais jovem, não deixa de incluir no cartaz artistas de sensibilidade musicais diferentes. Nomes como Julinho KSD, Wet Bed Gang, Nininho Vaz Maia, Rui Veloso, Diogo Piçarra e Bárbara Tinoco, Plutónio, Goran Bregovic, os Quatro e Meia, Hybrid Theory, Linda Martini, Two Doors Cinema Club e Ana Moura estão já confirmados para a edição deste ano.



### Em 2024 os olhos estão postos na vizinha Espanha

O Festival do Crato tem vindo a somar pontos ao longo dos anos, ao ponto de ser o mais conceituado de todos os que se realizam no interior do Alentejo e rivalizando, até, com outros mais antigos que ocorrem noutras regiões. Embora ainda a um ano de distância, a autarquia já pensa na edição de 2024. Nessa altura deseja-se que a aposta promocional surta efeito e que o concelho seja literalmente invadido por turistas espanhóis.

“O concelho do Crato está a cerca de meia hora de Espanha. Muitas pessoas desta região vão com regularidade a Valência de Alcântara, a Cáceres ou a Badajoz. Faz, portanto, todo o sentido que para o próximo ano sejam os espanhóis a visitarem as nossas terras, a provarem a nossa gastronomia e a inteirarem-se melhor das nossas tradições”, disse o presidente do município.

Joaquim Diogo conta que a operação para atrair uma nova e diferenciada clientela já está em marcha. “Já começamos a apostar no mercado espanhol. Temos estabelecido

contactos com os órgãos de comunicação locais. Fazemos ações de promoção. Certamente que este ano já virão muito mais pessoas dos municípios espanhóis nossos vizinhos. Mas em 2024 é que deveremos ter um retorno bem mais efetivo deste investimento, uma vez que nessa altura contamos ter dois ou três dos artistas mais conceituados do outro lado da fronteira”, avançou.

“As estradas são transitáveis e seguras e, além disso, a vila do Crato é servida pela Linha do Leste, que termina em Badajoz e faz a circulação até ao Entroncamento. A CP, tal como a Rede Expressos, oferece descontos de 20 por cento nos bilhetes a quem lhes apresentar os ingressos para o festival. Esse é outro incentivo para quem quer desfrutar de um evento musical cujos ingressos diários vão oscilar entre os 12 e os 20 euros, consoante a data em que foram adquiridos, e os passes para os sete dias variam entre os 40 e os 50 euros, em função de incluírem camping ou não”, finalizou o autarca. ■

## Festival Internacional de Música de Marvão

**MARVÃO**

Depois de mais de 40 concertos de orquestras nacionais e internacionais, vários coros e muita música de câmara, o festival - que levou ao evento cerca de 500 artistas provenientes de quase 20 países - termina com a batuta do maestro Christoph Poppen a comandar a Hong Kong Sinfonietta que vai interpretar obras de Mozart, Ginastera, Saint-Saëns, Rossini, Massenet e Offenbach. O concerto conta com a soprano Juliane Banse; a meio-soprano Catarina Sereno; Nikolay Borchev, barítono; Leia Zhu, violino; Michael Faust, flauta; e Horácio Ferreira, clarinete.

**CASTELO DE MARVÃO**  
30 DE JULHO



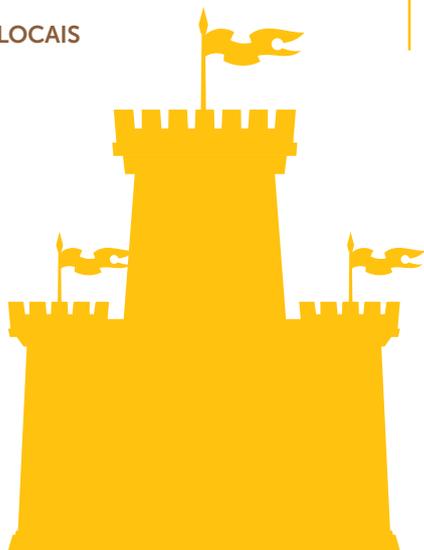
64

## A Música Encanta o Património 2023

**ELVAS**

A iniciativa agrega o património cultural e a música clássica, permitindo ao espetador conhecer o monumento e, ao mesmo tempo, assistir a um espetáculo com grupos de referência.

**DIVERSOS MONUMENTOS E LOCAIS**  
ATÉ DE SETEMBRO



## Ruas Floridas

**REDONDO**

No tradicional evento podem ser apreciadas cerca de 22 ruas ao redor da zona central da parte histórica da vila, ornamentadas com flores, figuras e outros motivos feitos em papel colorido.

**RUAS DO REDONDO**  
DE 29 DE JULHO A 6 DE AGOSTO



# Ícones bordados das artes decorativas portuguesas

VIANA DO ALENTEJO

Exposição que, organizada pela autarquia e pelo Centro Interpretativo do Tapete de Arraiolos do município de Arraiolos, com o apoio da Direção Regional de Cultura do Alentejo, faz uma retrospectiva da evolução do tapete de Arraiolos ao longo dos tempos.

IGREJA DA MISERICÓRDIA  
ATÉ 3 DE SETEMBRO



## 11º Periferias

MARVÃO E VALENCIA DE ALCÁNTARA

Uma proposta centrada no cinema ibérico, em cenários únicos da raia luso-espanhola, que oferece uma programação abrangente e um amplo conjunto de atividades paralelas. O objetivo é apresentar os melhores filmes, dar a conhecer cineastas e divulgar a cultura local.

DIVERSOS LOCAIS DAS DUAS CIDADES  
DE 11 A 19 DE AGOSTO

# IPBeja

INSTITUTO POLITÉCNICO  
DE BEJA

www.ipbeja.pt



CANDIDATURAS 2ª FASE - 1 A 22 DE SETEMBRO

## MESTRADOS E PÓS-GRADUAÇÕES

### MESTRADOS

- // Agronomia
- // Atividade Física e Saúde
- // Contabilidade e Finanças
- // Desenvolvimento Comunitário e Empreendedorismo
- // Educação Especial - Especialização no Domínio Cognitivo e Motor
- // Educação Pré-Escolar e Ensino do 1º Ciclo do Ensino Básico
- // Enfermagem
- // Engenharia Alimentar
- // Engenharia de Segurança Informática
- // Engenharia do Ambiente
- // Gerontologia Social e Comunitária
- // Internet das Coisas
- // Segurança e Higiene no Trabalho
- // Serviço Social - Riscos Sociais e Desenvolvimento Local

### PÓS-GRADUAÇÕES

- // Gestão Sustentável do Setor Olivícola
- // Turismo Sustentável e Bem-Estar



Instituto Politécnico de Beja  
Rua Pedro Soares, Campus do IPBeja  
E-mail: geral@ipbeja.pt | Tel: +351 284 314 400

PUB

## “Noites no Logradouro – Las Brujas del Fado”

BEJA

Amara quartet é a expressão feminina da tradição do fado. O propósito da sua música é dar continuidade à tradição numa perspetiva contemporânea. Este concerto "Las Brujas Del Fado" surge pela necessidade de romper com preceitos e levar a tradição na busca da paridade de género e da individualidade artística.

CENTRO UNESCO  
28 DE JULHO



## “Al Berto Desconhecido – Imagens que contam Vida”

SINES

Exposição digital onde se revelam facetas desconhecidas do poeta a partir dos documentos do arquivo. Nesta mostra destaca-se a polivalência e versatilidade artística e criativa de Al Berto, como poeta, escritor, editor, pintor, animador cultural, entre outras atividades.

[WWW.SINES.PT/P/ALBERTODESCONHECIDO](http://WWW.SINES.PT/P/ALBERTODESCONHECIDO)

66

*“Há dias em que nos convencemos de que somos pequenos...  
...Mas o que julgávamos ser o final da história  
é apenas a linha do horizonte.  
E, do outro lado, há mais mar.  
Há mais caminho.  
Há mais pessoas.  
Há outra vida...”*

*É aqui, é em Sines*

Veja o filme



[youtube.com/cmsines](https://youtube.com/cmsines)

PUB

Prata da Ilha do Pessegueiro | Porto Covo | Sines

**Sines**  
MUNICÍPIO

[www.sines.pt](http://www.sines.pt)  
 /municipiodesines

22-26  
agosto

Festival 2023  
**CRATO**  
37ª FEIRA DE ARTESANATO E GASTRONOMIA

22-26  
agosto

► 21 ago ◀ Festa Solidária  
**Tony Carreira**  
Afterhours: Festa M80

► 22 ago ◀ Crato por Tudo  
**Wet Bed Gang**  
**Nininho Vaz Maia**

► 23 ago ◀  
**Diogo Piçarra**  
convidada especial: Bárbara Tinoco

**Julinho KSD**  
Afterhours: Dj Matcho

**Rui Veloso**  
**Plutonio**  
Afterhours: Dj Wilson Honrado

► 24 ago ◀  
**Goran Bregović**  
**Os Quatro e Meia**  
convidados especiais: Os Bandidos do Cante

► 25 ago ◀  
**Two Door**  
**Cinema Club**  
**Hybrid Theory**  
**Linda Martini**  
Afterhours: **Kura** e Dj Nuno Luz

**Os Raiz**  
Afterhours: ZANOVA

► 26 ago ◀  
**Editors**  
**Ana Moura**  
convidado especial: Paulo Flores  
**Pedro Mafama**  
Afterhours: Dj's Fernando Alvim e Ana Isabel Arroja

[/festivaldocrato.cm-crato.pt](http://festivaldocrato.cm-crato.pt) [f / festivaldocrato](https://www.facebook.com/festivaldocrato) [@ / festivaldocrato](https://www.instagram.com/festivaldocrato)

Locais de Venda: [www.ticketline.sapo.pt](http://www.ticketline.sapo.pt), Worten, Fnac, C.C: Mundicenter, SuperCor, It Tabacarias, MMM Ticket, Ask Me Lisboa, El Corte Inglés, E. Leclerc, A.B.E.P., Altice Forum Braga, Cascais Visitor Center, Casino Lisboa, Centro Cultural de Belém, Galeria C, Campo Pequeno, Multiusos Guimarães, Super Bock Arena, Teatro Tivoli BBVA, Time Out Mercado de Lisboa e na Câmara Municipal do Crato





# VISITE ELVAS



[www.cm-elvas.pt](http://www.cm-elvas.pt)